



A ²⁰¹⁴ ^{abed} ¹⁹⁷⁵ Liahona

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
Aldo Francesconi, Editor da Parte Nacional

REGISTRO

Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o no. 1151-P.209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "International Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857

NESTE NÚMERO

- | | | |
|----|--|--------------------------|
| 3 | A qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá | Elder Boyd K. Packer |
| 7 | A Lei do Jejum | Elder Sterling W. Sill |
| 9 | Um lugar para os Pais | Roger e Rebeca Merrill |
| 14 | O que as Escrituras nos revelam a respeito da Astrologia, Adivinhações, Mediuns Espíritas, Magias, Feitiçarias e Necromancia | Robert J. Mathews |
| 17 | Os Confins da Terra | |
| 20 | Conselho a um Filho | Pres. S. Dilworth Young |
| 22 | Jonas | John A. Tvedtnes |
| 23 | O Dom do Espírito Santo | |
| 24 | A Língua é o Espelho do Coração | Dorothy Leon |
| 26 | Um Caracol para Marcos | Carolyn Gloecknen |
| 29 | Histórias Verídicas de Fiji | |
| 30 | Só para Divertir | |
| 31 | Reparte teu Pão | Richard H. Cracoft |
| 32 | A Lei do Jejum | Elder Henry D. Taylor |
| 34 | Os preparativos para sua Missão | Pres. A. Theodore Tuttle |
| 36 | Nossas Preciosas Famílias | Pres. Loren C. Dunn |
| 39 | Sejam Valentes na Luta pela Fé | Elder Bruce R. McConkie |
| 42 | Por que não Agora? | Elder Neal A. Maxwell |
| 42 | Conhecer a Deus | Elder Howard W. Hunter |

de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, Italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes. Rua Peribeubí, n.º 331, Telefone 276-4893, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

A Qualquer Que Muito For Dado, Muito se Ihe Pedirá

Élder Boyd K. Packer
Do Conselho dos Doze

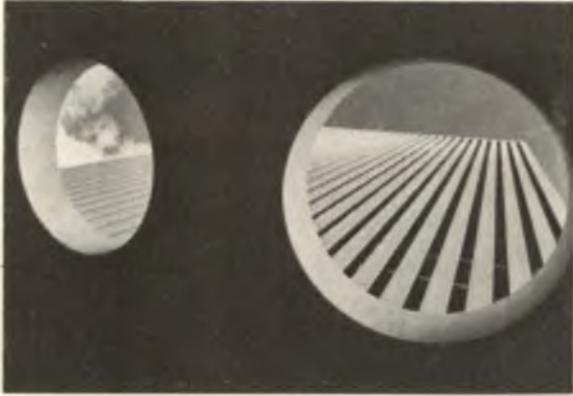


Espero hoje poder transmitir informações àqueles que não são membros da Igreja, e, ao mesmo tempo, recordar aos que já pertencem a ela, a responsabilidade que temos em compartilhar o Evangelho.

Encontrava-me em Nova Iorque, há três semanas, aguardando um voo para a Europa, quando uma funcionária de uma das companhias aéreas deixou seu posto atrás do balcão e aproximou-se do lugar onde eu estava sentado.

— Dois sobrinhos meus filiaram-se à sua Igreja, disse ela. Mal posso acreditar na transformação que ocorreu em suas vidas.

Em nossa breve conversa, perguntei-lhe como sua irmã se sentia com respeito à conversão de seus filhos à Igreja.



— Não poderia estar mais feliz, asseverou ela, explicando em seguida como sua família tinha, motivos para preocupar-se com os jovens. Eles eram dois dos peregrinos sobre os quais o Presidente Tanner disse:

— O Senhor não acreditaria como eles mudaram. Cortaram os cabelos e modificaram totalmente sua personalidade.

Mais tarde, quando me levantei para embarcar no avião, ela agradeceu-me novamente e disse:

— Não sei como vocês o conseguem.

Em resposta à sua pergunta, deem-me explicar que uma das razões é que abraçamos elevados padrões de conduta. Os princípios do Evangelho são infalíveis e seguros. Alguns dos programas e métodos mudam de vez em quando, mas não há alteração nos padrões. Existe um grande senso de segurança e de proteção nisso.

Esforçamo-nos continuamente em compartilhar o Evangelho com os semelhantes, mas não podemos abrandá-lo para se adaptarem ao gosto deles. Não fomos nós que estabelecemos os padrões. Foi o Senhor. A Igreja é dele.

Pedimos a vocês que ainda não são membros da Igreja, que sejam pacientes, se parecermos por demais ansiosos em compartilhar o que possuímos. Se não o compartilharmos, poderemos perdê-lo; esse é um dos requisitos, se quisermos conservá-lo. O trabalho missionário, portanto, não é casual; é bastante determinado.

Vocês devem saber que dos mais de 18.000 missionários servindo em missão de tempo integral no mundo todo, menos de cinco por cento conta 21 anos ou mais.

Isso justifica o vigor para o trabalho e o grande atrativo que constitui para a juventude. É preciso muita convicção para um jovem desistir de dois anos de atividades emocionantes e próprias da juventude, para se decidir a pregar o Evangelho, sustentando-se a si mesmo.

Não devemos surpreender-nos, se eles forem bem sucedidos, porque estão pregando a verdade. Ela é a Igreja de Cristo. O próprio Senhor declarou: "a única Igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra." (D&C 1:30.)

A despeito da persistência do nosso proselitismo, não é fácil filiar-se a esta Igreja, pois se requer da pessoa convertida uma completa mudança em seu modo de viver. Isto se

torna um grande desafio para muitos, mesmo que essa transformação se constitua em progresso sensível em sua vida, quer se filiem à Igreja ou não.

Para se filiar à Igreja, por exemplo, é preciso que se abandone todo tipo de imoralidade. Os maridos são submetidos ao convênio de se manterem fiéis a suas esposas, e as esposas aos seus maridos. Os jovens são persuadidos a reservar para o matrimônio a faculdade sagrada de conceder a vida.

Ser um membro responsável da unidade familiar é um grande ideal na Igreja.

A abstinência é requerida; os membros da Igreja se abstêm de bebidas alcoólicas — todas elas, o tempo todo. O mesmo se aplica ao tabaco. E, se isso não bastar, também deixam de tomar bebidas estimulantes que produzem hábitos — o chá e o café. Daí, vocês podem deduzir nossa posição com respeito aos narcóticos: essa deve ser bem clara.

Existem outros aperfeiçoamentos — na humildade, honradez, reverência, em guardar o dia santificado — todos eles com o objetivo de fazer de cada um de nós uma pessoa digna.

Repito que, não obstante a vigorosa atividade missionária, não é fácil qualificar-se para ser membro da Igreja. Tampouco se torna fácil depois que se filiar a ela. Se é uma Igreja complacente que estão procurando, se isso for importante para vocês, então não é esta a Igreja.

Há vários anos atrás, presidi uma de nossas missões. Dois missionários estavam ensinando uma boa família; eles expressaram o desejo de serem batizados e, depois, perderam subitamente o entusiasmo. O pai havia tomado conhecimento do dízimo e cancelou todos os compromissos futuros com os missionários.

Os dois missionários, entristecidos, reportaram-se ao presidente do ramo, que era um converso recente, dizendo-lhe que não teria mais aquela boa família em seu ramo.

Alguns dias mais tarde, o presidente do ramo persuadiu os dois élderes a visitarem com ele aquela família.

— Soube que o senhor decidiu não se filiar à Igreja, disse ao pai.

— Isso é correto, foi a resposta.

— Os élderes disseram-me que o Senhor se perturbou com o assunto do dízimo.

— Sim, asseverou ele. Não me haviam falado a respeito disso e, quando fiquei sabendo, disse: "Isso é pedir demais. Nossa igreja nunca nos pediu nada semelhante." Acha-mos que é demais e não nos batizaremos.

— Eles lhes falaram das ofertas de jejum?, perguntou ele.

— Não. O que é isso?

— Nós da Igreja jejuamos uma vez por mês, deixando de tomar duas refeições e doando o valor delas como contribuição para ajudar os pobres.

— Não me falaram sobre isso, afirmou o homem.

— Eles mencionaram o fundo de construção?

— Não, o que é?

— Todos os membros da Igreja contribuem para a construção de capelas. Caso se filiasse a ela, teria prazer em participar, tanto com trabalho quanto com dinheiro. Por fa-

lar nisso, estamos construindo uma nova capela nesta cidade, revelou o presidente do ramo.

— Estranho, declarou ele; não mencionaram isso.

— Explicaram-lhe a respeito do programa de bem-estar?

— Não, respondeu o chefe de família. O que é isso?

— Acreditamos que devemos ajudar-nos mutuamente. Se um membro da Igreja estiver passando necessidades, doente, desempregado, ou com problemas, estamos prontos para ajudá-lo, e esperaríamos que o senhor fizesse o mesmo.

— Eles lhe disseram que não temos clero profissional? Todos contribuem, dando de seu tempo, talentos, meios, viagens — tudo para ajudar no trabalho. E não recebemos recompensa monetária.

— Tampouco me haviam falado sobre isso, explicou ele.

— Então, disse o presidente do ramo, se o senhor se assustou com uma coisa tão insignificante quanto o dízimo, é óbvio que não está preparado para esta Igreja. Talvez tenha tomado a decisão mais acertada, não se filiando a ela.

Ao partirem, quase que à guisa de pensamento, ele se virou e disse:

— Já pensou por que as pessoas fazem tudo isso voluntariamente? Nunca recebi a conta do dízimo; jamais alguém passou para recolhê-lo. Mas nós o pagamos — e as outras coisas — e o consideramos um grande privilégio.

— Se puder descobrir o porquê, faria o mesmo que o mercador, que estava disposto a vender tudo o que possuía para poder comprar a pérola de grande valor.

— Mas, concluiu o presidente do ramo, a decisão é **sua**. Espero apenas que ore a respeito disso.

Alguns dias mais tarde, o homem bateu à porta da casa do presidente. Não, não queria marcar outras reuniões com os missionários; não seria necessário. Ele desejava marcar a data do batismo de sua família. Tinham estado orando, orando fervorosamente.

Isto acontece diariamente com in-

divíduos e famílias que são atraídos pelos elevados padrões, e não repelidos por eles.

Temos, em nossa custódia, o tesouro mais precioso da terra. E, se fizessem a pergunta, sim, pretendemos guardar os mandamentos do Senhor — todos eles. O único inconveniente real que esses altos padrões nos têm acarretado devemos ao rápido e contínuo crescimento da Igreja, porque temos que nos esforçar constantemente em mantê-la organizada em pequenas e eficientes unidades, para o benefício de cada indivíduo.

Até os membros que encontram dificuldade em manter os padrões (e temos esses membros) geralmente os defendem. Tanto os velhos membros, quanto os novos, precisam ser integrados e treinados, para que, ao mesmo tempo que entram para a Igreja, deixem o mundo.

"Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas;

"E, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha", para poder obtê-la. (Mateus 13:45-46)

Para que nenhum de vocês pense que desistir de tudo isso e reorganizar seus hábitos seja mais doloroso do que realmente é, desejo repetir uma declaração de Lady Astor (política inglesa, 1879-1964): ela sempre recebera a velhice e, quando finalmente chegou, comentou filosoficamente:

"Sempre receei a velhice, porque então não se pode mais fazer todas as coisas que se deseja. Mas não é tão ruim assim — porque nesse momento, descobrimos que não as queremos fazer."

Aos não-membros, digo que, embora não tenham que aceitar o Evangelho, nós temos de apresentá-lo a vocês. Existe alguma coisa de muito significativa para vocês e para nós, em oferecermos a oportunidade de aceitá-lo. O Evangelho é verdadeiro para aqueles que o rejeitam e para aqueles que o aceitam — ambos serão julgados por ele.

Como lembrete aos membros, de nossa obrigação em compartilhar o Evangelho, vou repetir um trecho da história da Igreja:

Nos idos de 1850, muitos conversos da Europa tentavam, a todo custo, chegar ao Vale do Lago Salgado. Muitos deles eram tão pobres, que não podiam adquirir os carroções abertos ou cobertos, e tiveram que partir a pé, empurrando carrinhos de mão onde colocaram seus escassos pertences. Esses pioneiros de carrinhos de mão experimentaram momentos comoventes e trágicos da história da Igreja.

Uma dessas companhias era comandada pelo irmão McArthur. Um converso inglês que viajava com a companhia, irmão Archer Walters, escreveu no diário do dia 2 de julho de 1856:

"O filho do irmão Parker, de seis anos, foi dado como perdido, e seu pai voltou para procurá-lo." (LeRoy Hafen and Ann W. Hafen, **Handcarts to Zion**, Pioneers Ed. Glendale, California, The Arthur H. Clark Co., 1960, p. 61.)

O menino, de nome Arthur, era o terceiro filho de Robert e Ann Parker. Três dias antes, a companhia tivera que acampar apressadamente, devido à iminência de forte tempestade; foi então que notaram o desaparecimento do menino. Os pais pensaram que estivesse brincando com as outras crianças.

Alguém se lembrou de tê-lo visto deitar-se à sombra de alguns arbustos para descansar, quando a companhia fez acampamento.

Vocês que têm filhos pequenos, sabem como é fácil para um menino de seis anos, cansado, pegar no sono numa escaldante tarde de verão, e como ele pode dormir profundamente, a ponto de não acordar, nem mesmo com os ruídos da companhia que se punha em marcha.

A companhia acampou durante dois dias, e todos os homens procuraram pelo menino; mas, no dia 2 de julho, sem outra alternativa, receberam ordens de prosseguir em direção ao oeste.

De acordo com as anotações do diário, Robert Parker voltou sozinho

para procurar o filho. Quando estava pronto para partir, sua esposa prendeu um xale em seus ombros, proferindo estas palavras:

"Se o encontrar morto, embrulhe-o no xale e enterre-o. Se o encontrar vivo, use o xale como bandeira para fazer-nos sinal."

Ela, juntamente com os outros filhos pequenos, tomou o carrinho de mão e prosseguiu com a pesada marcha junto com a companhia.

Ann Parker, todas as noites, ficava à espreita, na trilha. Ao pôr-do-sol do dia 5, enquanto estavam todos olhando na mesma direção, viram o reluzente xale vermelho tremulando no ar.

Um dos diaristas registrou: "Ann Parker prostrou-se ao solo, em atitude piedosa, e naquela noite, pela primeira vez em seis dias, conseguiu dormir."

O irmão Walters escreveu no diário desse mesmo dia:

"O irmão Parker entrou no acampamento com o menino que havia desaparecido. Grande alegria invadiu o acampamento. A alegria da mãe, essa não posso descrever." (Hafen and Hafen, **Handcarts to Zion**, p. 61.)

Não temos conhecimento de todos os detalhes, mas um lenhador de nome desconhecido — sempre me pergunto se não era inverossímil que um lenhador se encontrasse justamente ali — encontrou o menino, descrevendo suas condições: estava doente e aterrorizado; o lenhador cuidou dele, até que seu pai foi buscá-lo.

E aqui termina a história — lugar comum em nossos dias — com exceção de uma pergunta: Se estivesse no lugar de Ann Parker, como se sentiria com respeito ao lenhador incógnito que salvou seu filhinho? Haveria limites para sua gratidão?

Sentir isso é o mesmo que experimentar uma parcela da gratidão que nosso Pai deve ter por nós, quando salvamos um de seus filhos. Essa gratidão é uma recompensa grata, pois o Senhor disse: "E se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arre-

pendimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!" (D&C 18:15.) Poderia acrescentar, mesmo assim: quão grande seria essa alegria, caso se tratasse de nossa própria alma.

Por isso chamamos a todos; nós os convidamos a deixar o mundo, mais por aquilo que puderem dar do que por aquilo que puderem receber. Vocês são necessários. Venham em família, se puderem, ou sozinhos, se for preciso.

Aqui, tudo o que o Pai possui lhe pode ser dado; mas não de graça, porque "a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá." (Lucas 12:48.)

Esta é a Igreja dele; uma vez dentro dela, podem não receber aprovação de todos os homens. Muitos, talvez a maioria, o considerarão estranho. Algumas das doutrinas não são fáceis de ser compreendidas ou aceitas. Os mandamentos não são fáceis de ser guardados. Os padrões, repito, são elevados, mas vocês podem começar de onde estiverem.

Muitos de vocês estão oprimidos pela infelicidade, preocupações e culpa. Outros se debatem sob o jugo de hábitos degradantes ou lutam contra a solidão, desapontamentos ou fracasso. Alguns sofrem vendo seus lares desfeitos, seu matrimônio dissolvido, seus corações partidos.

Nós não nos debatemos com estas coisas; tod^{as} elas podem ser relegadas a segundo plano — vencidas. Quem quer que sejam ou o que quer que sejam, nós lhes estendemos a mão da amizade, a fim de que possamos elevar-nos uns aos outros, e elevar outros.

Esta é a Igreja dele. Tenho esse testemunho; Jesus é o Cristo; ele vive. Ensina-se, comumente, que ele é apenas uma influência no mundo. Sei que ele é Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Unigênito do Pai. Testifico que possui um corpo de carne e ossos. Esta é a sua Igreja. Disso presto testemunho em nome de Jesus Criso. Amém.

A Lei do Jejum

Elder Sterling W. Sill

Assistente do Conselho dos Doze

Um dos aspectos mais importantes do trabalho da Igreja é o dever de incentivarmos-nos uns aos outros a cumprir as importantes leis que determinam o sucesso e a felicidade. Se tivesse suficiente poder de persuasão, tentaria convencer a humanidade toda, tanto dentro quanto fora da Igreja, a viver a lei do jejum.

O Dr. Henry C. Link disse, certa vez:

"Nada contribui para uma vida humana ordenada como viver segundo uma série de princípios saudáveis." E os mais saudáveis de todos os princípios são aqueles do Evangelho de Jesus Cristo. Se os vivermos como devem ser vividos, tornar-nos-emos seres humanos mais perfeitos e muito mais prósperos nas coisas materiais e também nas espirituais.

Algumas vezes pensamos nessas grandes leis eternas como pequenas ou de importância ínfima para nós, individualmente. Gostaria de apresentar seis importantes razões pelas quais cada um de nós deve viver rigorosamente a lei do jejum.

"TAMBÉM VOS DOU UM MANDAMENTO DE QUE CONTINUEIS EM ORAÇÃO E JEJUM DE AGORA EM DIANTE."

(D&C 88:76.)

A primeira e mais importante dessas razões é que a lei é um mandamento de Deus. Que qualidade notável desenvolveríamos em nossas vidas, se obedecêssemos sempre a Deus — por qualquer outro motivo, além de que isso é correto e que ele nos pediu que o fizéssemos. Demonstrou muita sabedoria o homem que afirmou não somente obedecer a Deus, mas também que concordava com ele.

Razão Número Dois: Pelo programa da Igreja, somos convidados a reservar o primeiro domingo de cada mês para jejuar, ou seja, abster-nos de duas refeições e entregar ao bispo o valor equivalente em dinheiro, a fim de que ele possa providenciar alimentos, roupas, remédios etc., para aqueles que estejam passando necessidades. Em seguida, dirigimo-nos à casa de oração, prestamos nossos testemunhos, expressamos nossos agradecimentos, incentivamos, enlevamos e inspiramos uns aos outros.

Se pagássemos nossas ofertas de jejum numa base razoável, poderíamos arrecadar, somente entre os membros da Igreja, uma soma anual superior a cinquenta milhões de dólares, que poderiam ser convertidos em extraordinários benefícios humanos. Além do mais, isso nos ajudaria a poupar uma substancial reserva para quaisquer emergências futuras, enquanto, mesmo com o atual padrão de vida elevado, estamos com

déficit de milhões de dólares anuais, para completar a quantia necessária a fim de suprir nossas necessidades reais de ofertas de jejum. Se cumpríssemos integralmente nossa parte, bastaria uma pequena quantia de cada indivíduo, mas o total seria vultoso.

O Senhor poderia ter revelado, a respeito das ofertas de jejum, o mesmo que informou quanto à Palavra de Sabedoria — que foi "adaptada à capacidade dos fracos e à dos mais fracos de todos os santos, que são ou podem ser chamados de santos." (D&C 89:3.) E, tendo em vista as muitas bênçãos que recebemos de Deus, pagar apenas uma parte do custo de uma refeição seria uma grave afronta a ele, e certamente nos causaria grande embaraço. Se nos chamarem a atenção por essa falta, nós nos sentiremos pouco à vontade; devemos, portanto, tomar as providências para jejuarmos e pagarmos a oferta nas bases certas. Isso agradaria sobremaneira ao Senhor, e todos os membros da Igreja seriam mais prósperos.

Razão Número Três: O jejum é uma das melhores maneiras de desenvolvermos disciplina e auto-domínio. Ouvimos falar seguidamente a respeito das tentações de nossos dias, e muitos indivíduos estão fraquejando diante dos pecados mais triviais. Entretanto, a melhor maneira de desenvolver o auto-domínio é praticá-lo.

Nos últimos anos, várias pesquisas foram feitas, as quais revelaram que Mohandas K. Gandhi é considerado um dos homens mais populares de nossa geração. Gandhi foi um patriota hindu, que libertou a Índia do jugo inglês. Por ocasião de sua morte, foi reconhecido como o homem mais poderoso de seu país e,

provavelmente, também do mundo. Seus seguidores deram-lhe o nome de Mahatma, que quer dizer "grande alma".

Seu biógrafo, Louis Fischer, revela que Gandhi, a princípio, não possuía muita reserva de auto-domínio; ele se considerava covarde, tinha medo do escuro, das serpentes e das pessoas. Tinha medo de si mesmo. Era dotado de mau gênio e enfrentava muitos problemas sérios.

Compreendendo as desvantagens que essas falhas acarretavam para si mesmo, resolveu mudar, por vontade própria; mais tarde, ele se referiu a si mesmo como o "produto de auto-reforma."

Gandhi fez prolongados jejuns, para adquirir disciplina própria. Ele arrazoava que, se não conseguisse refrear seu apetite pelos alimentos, como poderia dominar as situações mais difíceis da vida? Em suas próprias palavras:

"Como posso dominar os outros, se não consigo dominar a mim mesmo?"

O Dr. Fischer afirmou que, depois de Sócrates, nunca houve ninguém igual a Gandhi, em questão de auto-análise, serenidade absoluta e auto-domínio.

Razão Número Quatro: O jejum é o meio através do qual se pode desenvolver grande poder espiritual. Quando os Apóstolos indagaram do Senhor o motivo pelo qual não conseguiram expulsar os maus espíritos do jovem mancebo que estava sensivelmente atormentado, ele lhes respondeu: "Esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum." (Mateus 17:21). Se, por meio de oração e jejum, podemos expulsar demônios de outras pessoas, poderemos também expulsar o mal de nós mesmos.

Razão Número Cinco: Todos precisamos participar de obras beneficentes; quando pagamos as ofertas de jejum, estamos participando de uma das melhores obras de caridade. Muitas das coisas importantes que têm acontecido em nossa cultura se devem às doações dos indivíduos. Foi assim que obtivemos bibliotecas, universidades e igrejas. Grande parte das pesquisas médicas e das instituições patrocinadoras de arte e cultura se apóiam em fundos beneficentes. Cada um de nós deve participar pessoal e ativamente dessas obras beneficentes.

Isso não implica, simplesmente, em doar para a Igreja; devemos envolver-nos em várias das mais dignas obras de caridade. Pois, como disse Jesus: "... onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração." (Mateus 6:21.)

O fazendeiro reserva a melhor parte de sua colheita para semear na próxima estação. Existem pessoas que desejam tirar da vida mais do que põem, mas Jesus disse: "... mais bem-aventurada coisa é dar do que receber." (Atos 20:35.) Seremos muito mais felizes e muito mais bem sucedidos individualmente, se devolvermos à comunidade e à vida, muito mais do que delas retirarmos.

Gostaria agora de apresentar-lhes mais quatro razões pelas quais a oferta de jejum é uma das melhores formas de caridade:

1. Todas as nossas contribuições chegam ao destino sem intermediários. Isso quer dizer que não separamos nenhuma porcentagem para o administrador das rendas. Algumas de nossas melhores organizações beneficentes têm muitas despesas com administradores; mas isso não acontece com as ofertas de jejum.

2. Não custa nada. Todas as outras contribuições saem do bolso, mas as ofertas de jejum saem das compras do armazém, e não precisam ser substituídas.

3. Pensem em quantos anos acrescentaremos à nossa vida e como seremos mais saudáveis e felizes durante esses anos.

4. Pensem no quanto agradaríamos a Deus. Ele nos dotou de discernimento individual, quando nos revelou, através de Malaquias: "Roubará o homem a Deus? todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? nos dizimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação." (Malaquias 3:8-9.) Se os homens estavam roubando a Deus, por não pagarem os dizimos e ofertas, e se nós também estivermos fazendo o mesmo, estaremos roubando a Deus. E podemos agradar sobremaneira a Deus, mudando de atitude.

Podemos alcançar grande sucesso e felicidade, se desenvolvermos sólidas convicções quanto aos princípios que põem ordem à nossa vida, ao mesmo tempo que proporcionam grandes benefícios.

E, com a quantidade certa de incentivo e liderança, todas as alas, estacas, ramos, missões e todos os indivíduos alcançarão sucesso absoluto, se atingirem a excelência nesta importante lei do Senhor.

A lei do jejum também pode ser uma espécie de ayo. (Gálatas 3:24.) Se pudermos aprender a vivê-la efetivamente, ela nos ajudará a cumprir melhor as outras leis, por causa do poder e da fé que serão gerados em nós como consequência natural do cumprimento dessa importante lei.

Um Lugar para os Pais

COMO O TEMPLO NOS AJUDA
A ENSINAR O EVANGELHO
AOS NOSSOS FILHOS

Roger e Rebecca Merrill

Quando estabelecemos, no ano passado, o objetivo de frequentarmos mais assiduamente o templo, não previmos o extraordinário impacto que teria em nossa vida cotidiana.

Com três filhos pequenos e outro a caminho, estávamos nos preocupando cada vez mais com a tarefa de criá-los de um modo que agradasse ao Senhor. Ambos trabalhamos mais eficiente e serenamente em qualquer projeto, quando nossas metas e objetivos estão bem claros. Mas os esforços em fixar nossas próprias metas quanto à educação dos filhos foram baldados — as aulas sobre o desenvolvimento da criança, os livros de psicologia e o estudo das técnicas de liderança e administração sugeriram diferentes soluções para os problemas da vida familiar.

Tal como o jovem Joseph Smith, sentimo-nos perdidos em meio às filosofias controvertidas dos homens, cada um dos quais acreditava que

seu método para criar filhos era infalível. Por isso começamos a perguntar, ansiosos: "Qual é o método correto?"

Como conseqüência de nossas contínuas visitas ao templo, com a finalidade de realizarmos trabalhos em favor dos mortos, ocorreu-nos subitamente, que os princípios ali ensinados, tanto por preceito quanto por exemplo, se aplicavam também aos vivos. Enquanto ponderávamos a respeito, descobrimos que a casa do Senhor era o paradigma exato de um lar; encontramos no exemplo de nosso Pai Celestial um modelo perfeito de paternidade; e achamos nas Escrituras o texto perfeito, repleto de histórias reais e exemplos das relações de Deus, no papel de pai com seus próprios filhos.

O Senhor revelou instruções específicas quanto à sua própria casa em Kirtland, e deu-nos o molde para todos os lares, numa revelação a Jo-



seph Smith. Ele instruiu os santos a estabelecerem "uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus." (D&C 88:119.) Essas instruções também podem ser aplicadas em nossos lares.

A obediência a elas cria uma atmosfera "igual à do templo", uma atmosfera que pode tornar nossos lares mais semelhantes a um céu na terra.

A casa do Senhor é sempre limpa e agradável. A ordem, que é a "primeira lei dos céus", é o padrão divino de governo da casa e responsável pelo ambiente de paz. Como é reconfortante para uma dona de casa compreender que seus esforços para manter a casa reluzente e agradável são muito mais do que uma repetição monótona de tarefas! Em essência, ela é a governanta do templo para sua família. Seguindo o exemplo do Senhor, de manter o ambiente em ordem, ela pode inspirar e enriquecer a vida dos familiares.

A casa do Senhor é funcional. Todos os elementos do projeto, da decoração, da atmosfera e do programa do templo contribuem para a sua função, que é ensinar. As salas dispõem de cadeiras confortáveis nas quais nos sentamos para ouvir, lugares apropriados para se ensinar, auxílios didático-visuais, como por exemplo quadros nas paredes e murais e, em alguns casos, até filmes. Mas, com que frequência nossos lares refletem os padrões do mundo, no projeto e nos adornos? Os quadros que dependuramos nas paredes,

os livros que temos à mão e a disposição dos móveis refletem nossos valores.

Não existe nada no templo que não ensine sobre Cristo e, se nossos valores forem determinados pelo Senhor ao invés de pelo mundo, nossos lares emularão esse modelo divino. Livros infantis na sala de estar, quadros-negros, quadros de avisos, flanelógrafos, um palco de marionetes, um bom arquivo de auxílios didáticos e pais sempre dispostos a ajudar, a ensinar e a aprender eles próprios coisas novas — tudo isso contribui para uma atmosfera de aprendizado.

A casa do Senhor está impregnada de seu Espírito. Qualquer indivíduo, para entrar no templo, precisa da recomendação que prove ser ele digno. Antes de entrar em casa, bem faria ele em fazer uma pausa para considerar até que ponto é digno de possuir um lar e uma carinhosa família. O lar, quer seja a casa do Senhor, quer seja a nossa, deve ser o local para as boas maneiras e os atos mais bondosos. Nele não há lugar para palavras ásperas, risos sarcásticos, empurrões, tapas, discussões ou ignorância da existência dos outros. O tempo e a energia devem ser aproveitados para cuidar dos outros, ajudá-los a praticar boas ações em seu benefício.

A casa do Senhor é um lugar para ordenanças sagradas. Presidir a reunião familiar, dirigir as orações e abençoar as crianças doentes — na verdade, todas as atividades que dizem respeito à tarefa de trazer os filhos ao mundo e educá-los com sãbedoria — ajudam a unir a família e

a santificar seus membros. Como o Presidente Harold B. Lee continuamente pregava, o trabalho mais importante que um portador do Sacerdócio jamais poderá realizar será aquele que o fizer dentro das paredes de seu próprio lar. O lar, quer seja a casa do Senhor, quer seja a nossa, deve ser o local para as boas maneiras e os atos mais bondosos."

A casa do Senhor é dedicada aos seus propósitos. Temos encontrado grande alegria ao nos ajoelharmos dentro de nosso lar, para dedicá-lo e a nós mesmos ao serviço do Senhor. Esta experiência nos tornou cientes de que tudo o que realizamos dentro das paredes de nossa casa deve ser agradável ao Senhor. Além disso, a dedicação tem ajudado cada membro da família a apreciar melhor o lar e a cuidar dele com mais carinho.

Em todas as coisas, a casa do Senhor é o modelo divino daquilo que nossos lares podem ser.

De todos os títulos que poderíamos usar, nosso Criador deseja que nos dirijamos a ele, chamando-o de "Pai". À medida que fazemos mentalmente um retrospecto do plano eterno, desde a criação até nosso supremo destino, compreendemos que nosso Pai tem centralizado todas as coisas no objetivo de proporcionar-nos imortalidade e vida eterna. Por isso, em tudo, ele é o modelo de paternidade. Como ser perfeito, não comete erros. Quando tem algo a tratar com seus filhos, ele, o Pai, o faz através dos princípios eternos e verdadeiros, princípios esses que também darão resultado para nós, pais, quando tivermos que tratar com nossos próprios filhos.

Seu exemplo nos ajuda a saber o que devemos ensinar aos filhos.

Tivemos uma das mais frustradoras experiências, como pais, quando chegou a hora de decidir esse detalhe. Existem tantas verdades, tantas histórias, mandamentos, leis e conceitos que eles precisam saber. Por onde começar? A resposta está nas coisas que o Pai nos ensina através da cerimônia do templo.

Dentro da casa do Senhor, tomamos sobre nossas cabeças uma progressão ordenada de convênios. O Presidente David O. McKay ensinou: "Existe um 'endowment' no templo, o qual é . . . uma ordenança pertencente à viagem eterna do homem e às ilimitadas possibilidades e progressos que um pai justo e terno providenciou para seus filhos, feitos à sua própria imagem — para toda a família humana. É para isso que templos são construídos." (The Purposes of Temples", **Ensign**, janeiro de 1972, p. 41.)

Tanto a seqüência quanto a progressão desses convênios são importantes; cada lei é ensinada no tempo certo. Ao estudar a tendência natural das crianças durante as várias fases de seu desenvolvimento, somos gratos em descobrir a correlação entre seu comportamento material e a apresentação das leis da vida, feita pelo Senhor.

Embora os psicólogos infantis difiram nos detalhes, a maioria deles concorda que esse desenvolvimento inclui pelo menos quatro estágios gerais: (1) a idade do total egoísmo; (2) a idade da responsabilidade e da razão, quando uma criança pode entender as implicações e os resultados permanentes como base para

uma decisão; (3) a idade da maturidade física crescente; (4) a idade da preparação final para aceitar o papel de adulto responsável na sociedade. Colocando-se essas fases de desenvolvimento e as leis do Senhor na linha de tempo da vida de uma criança, haveria coincidência de correlação.

(1) A Idade do Egoísmo

Os pais estão cientes da tendência natural ao egoísmo numa criança pequena, mas tanto eles quanto os psicólogos infantis diferem grandemente quanto à solução do problema. O plano simples do Senhor ilustra a importância de ensinar as crianças pequenas a obedecer aos pais e a sacrificar seus próprios desejos para a felicidade dos outros, como tem sido salientado nos conselhos de muitos profetas e apóstolos SUD.

Dos livros-padrão, a Bíblia é um instrumento extremamente útil para ensinar esses princípios. Os repetidos temas de obediência e sacrifício, nas histórias do Velho Testamento, atraem especialmente as crianças dessa idade.

Quando tentamos ensinar esses conceitos aos nossos filhos, ficamos surpresos e às vezes divertidos com a maneira como compreenderam. Numa noite muito fria, quando tiramos nosso filho de quatro anos do banho, ele disse: "Papai, pode enxugar primeiro o Micah. Quero sacrificar-me. Vou ficar sentado aqui, tremendo de frio, por uns minutos."

(2) A Idade da Responsabilidade e da Razão.

A medida que a criança se desenvolve e se torna responsável perante o Senhor, a lei do Evangelho pro-

porciona um alicerce em Cristo e o companheirismo do Espírito Santo para ajudá-la a sobrepujar a considerável influência da pressão dos colegas e da racionalização. Explicados maravilhosamente na Bíblia e no Livro de Mórmon, os princípios da fé, arrependimento, batismo e dom do Espírito Santo esclarecem o propósito e a seriedade da vida, proporcionando, ao mesmo tempo, um plano para nos conservarmos no caminho certo, ou para regressarmos prontamente, quando cometermos algum erro.

(3) Preparação para a Paternidade

A maturidade física e a maior participação nas atividades sociais favorecem o aparecimento de tentações, mas elas poderão ser afastadas pelo cumprimento da lei da castidade. Durante o período da adolescência, é importante que os pais ensinem, por preceito e por exemplo, os benefícios positivos de se manter a pureza do corpo e do espírito. Além disso, o "garment" do templo ajuda os pais a definirem a modéstia no vestir.

(4) Responsável Por Si Próprio

Quando um jovem adulto adquire mais independência e se prepara para testar suas capacidades fora do círculo familiar, a lei de consagração do Senhor, explicada em Doutrina e Convênios, lhe dará a perspectiva exata do motivo pelo qual ele recebeu seus talentos e qual a melhor maneira de pô-los em prática; seus talentos são a mordomia concedida pelo Senhor para ser usada na edificação de seu reino e no estabelecimento de Sião.

Existe contribuição maior de um pai para seus filhos do que ensinar-lhes esses princípios? Quando uma criança aprende a ser obediente e a sacrificar-se em favor dos outros, quando fundamenta sua vida no alívio de Cristo e recebe o Espírito Santo para guiá-la e dirigi-la, vivendo uma vida limpa e pura, consagrando tudo o que possui e tudo o que representa para o serviço do Pai, está preparada para ser um vaso santificado nas mãos do Senhor.

Além dessas leis específicas, temos um lembrete constante para mantermos nossos desejos e o de nossos filhos dentro dos limites prescritos pelo Senhor, de procurarmos sempre sua diretriz, provendo nutrição regular, tanto para o corpo quanto para o espírito. O conhecimento de que um dia “todos curva-

rão os joelhos, e toda a língua confessará” que Jesus é o Cristo, (D&C 76:110), serve para lembrar aos filhos e aos pais os valores realmente eternos; a compreensão de que nossos colegas, a despeito de suas crenças e práticas atuais, reconhecerão a divindade de Cristo, diminui a tentação de racionalizar.

Assim como o Pai nos ensina de maneira ordenada, assim também podemos ensinar nossos filhos em todas as coisas do Reino.

Seu exemplo nos ajuda a sabermos como ensinar nossos filhos.

Em primeiro lugar, nosso Pai é **consistente**. “Eu sou o mesmo ontem, hoje e para sempre”, diz ele. Como seus filhos, sabemos que é possível confiar nele. Como pais, se punirmos nosso filho por sair do quintal na segunda-feira e nada dizemos quando

ele faz a mesma coisa na quarta-feira, não estaremos dando a ele a segurança da consistência.

Em segundo lugar, nosso Pai nos dá mandamentos. Qualquer mandamento revela apenas uma parte da lei eterna, uma vez que é dado de acordo com nossa capacidade de compreender e cumpri-lo. Néfi disse: “. . .sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7.)

Nossos filhos precisam saber que nós, pais, não lhes daremos mandamentos que serão incapazes de cumprir.

Demos um mandamento ao nosso filho de dois anos: “Não irás para fora de casa.” Chegará o dia em que ele receberá uma lei maior, como aquela dada ao seu irmão de cinco anos: “Olharás para os lados antes de atravessar a rua.” Os mandamentos mudam, dependendo de nossa crescente capacidade em obedecer a eles. Mas as leis eternas sobre as quais se fundamentam, jamais mudam.

Quando em verdade o Senhor nos dá um mandamento, como a Adão no jardim do Éden, ele avisa sobre as conseqüências da desobediência. Às vezes, as conseqüências são “naturais”, mas em muitas ocasiões, o Senhor interfere misericordiosamente, com um castigo, tal como fome, pragas, pestilências e invasão inimiga, para trazer o povo ao arrependimento e para que se lembrem dele, antes de sofrerem as conseqüências mais permanentes do pecado — afastamento de sua presença para sempre.



Permitimos, às vezes, que nossos filhos sofram as conseqüências naturais de seus atos. Mas freqüentemente temos que intervir com uma palmada ou outro castigo, uma vez que a conseqüência natural de correr para uma rua movimentada poderia ser desastrosa. Em ambos os casos, a criança adquire o senso de segurança e responsabilidade, quando o que pode acontecer é claramente explicado com antecedência.

Em terceiro lugar, nosso Pai nos dá o **livre arbítrio**. Quando disse a Adão, no Paraíso, "poderás escolher segundo tua vontade", (Moisés 3:17), ele colocou em seus ombros a responsabilidade da decisão. Ele ensinou princípios corretos a Adão, e deixou-o governar sua própria vida. As crianças aprendem rapidamente que a recompensa e o castigo são o resultado direto de suas próprias decisões e, se as conseqüências foram explicadas com clareza, geralmente poderão verificar que o castigo é justo.

Precisamos respeitar cada uma das mordomias de nossos filhos depois de a ensinarmos a eles.

Em quarto lugar, nosso Pai Celestial faz **convênios** conosco. Quando os pais e os filhos fazem convênios, ambos terão um ponto de referência, quando surgir algum problema. Quando os filhos prometem, em convênio, cumprir determinadas tarefas, ou comportar-se de certa maneira e cumprem esse convênio, edificam a integridade e aprendem o processo do desenvolvimento.

Em quinto lugar, nosso Pai nos dá **mordomias**. Ele nos dá alguma coisa pela qual somos responsáveis e da qual prestaremos contas, e espera que regressemos e reportemos a ele os resultados de nosso empreendimento.

Quando damos mordomias aos nossos filhos, como por exemplo limpar regularmente seus quartos ou alimentar seus bichinhos de estimação, descobrimos que é importante respeitar essa mordomia e nunca tomar a dianteira. Nossos filhos sabem que têm a responsabilidade de arrumar suas camas — e que nós não as arrumaremos por eles, nem alisaremos as dobras, se os lençóis não estiverem bem esticados.

Quando demos essa mordomia pela primeira vez a um de nossos filhos, nós lhe ensinamos princípios de correção, demonstramos os passos para cumprir a tarefa e o ajudamos até nos certificarmos de que poderia cumpri-la sozinho. Como no mandamento, tomamos o cuidado de nunca dar uma mordomia além de sua capacidade.

Em sexto lugar, nosso Pai **comunga** conosco. Ele se achega a nós com bondade e amor, para que nós, pais, possamos imitá-lo, (1) acompanhando nossos filhos nas tarefas, passo a passo, (2) ajoelhando-nos com eles em oração, (3) comunicando empatia em base íntima, (4) incentivando-os e (5) ouvindo-os com atitude de compreensão e não de julgamento.

Saber o que e como ensinar a nossos filhos é vital, se quisermos alcançar êxito para trazê-los de volta à presença do Senhor. Nesta responsa-

bilidade tão sagrada, nosso Pai Celestial nos proporcionou um modelo perfeito para seguirmos, e textos para estudarmos — suas próprias Escrituras inspiradas contam como ele tem tratado com seus filhos.

O templo nos dá fé, permite que vejamos esta vida terrena sob a verdadeira perspectiva criadora, do plano de salvação e do supremo destino. Os valores e filosofias do mundo perdem sua importância, quando compreendemos que estamos sendo treinados pelo Senhor para nos tornarmos como ele. Na verdade, tudo está em suas mãos e não existe tragédia na vida, a não ser a do pecado.

Quando esta perspectiva chega à rotina diária do viver familiar, pode tornar-se um alicerce significativo para a nossa paz e felicidade. Em meio à tribulação, crises financeiras e até mesmo à morte, poderemos saber que a obediência aos verdadeiros princípios e leis segundo as quais nosso Pai vive, nos trarão suprema alegria.

Ao tentarmos tornar-nos como ele, aprendemos mais, cada vez que nos dirigimos à sua casa; aprendemos muitas coisas que não podem ser escritas devido ao seu elevado grau de santidade. Ao procurarmos seguir seu exemplo em todas as coisas, esforçamo-nos para criar dentro de nossos próprios lares o ambiente, a atmosfera e o espírito que farão deles também uma casa de Deus.

Roger Merrill, pertence ao corpo de diretores-assistentes da Igreja e trabalha num comitê do Sac. Aarônico. Sua esposa Rebecca é regente de música da Sociedade de Socorro da 17.ª Ala de Taylorsville, estaca oeste de Utah.

PESQUISA DE ESCRITURAS

O QUE AS ESCRITURAS NOS REVELAM A RESPEITO DA ASTROLOGIA, ADIVINHAÇÕES, MÉDIUNS ESPÍRITAS, MAGIAS, FEITIÇARIAS E NECROMANCIA

Robert J. Matthews

Nos últimos anos, tem aumentado o interesse, no mundo ocidental, pelas religiões ocultas e místicas. Não se trata do reavivamento da característica de espiritualidade dos antigos patriarcas e profetas de Israel, mas sim de um tipo de feitiçaria mágica e espiritualista que os verdadeiros profetas combatiam vigorosamente. O Senhor falou, por exemplo, através de Moisés:

“Não vos virareis para os adivinhadores e encantadores; não os busqueis, contaminando-vos com eles: Eu sou o Senhor vosso Deus.” (Levítico 19:31.)

E também:

“Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações.

“Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feitiçeiro;

“Nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos:

“Pois todo aquele que faz tal cousa é abominação

“Israel não deve procurar os quiromantes e astrólogos, nem as mistificações dos médiuns para obter guia espiritual, pois eles caracterizam as falsas religiões e superstições do mundo; aqueles que as praticam estão, em verdade, competindo com os profetas e apóstolos de Deus.”

ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança fora de diante dele.

“Perfeito serás, como o Senhor teu Deus.

“Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti, o Senhor teu Deus não permitiu tal cousa.” (Deut. 18-9-14.)

Vemos claramente, por essa passagem, que as crenças em astrologia, médiuns espíritas etc., não constituíam a verdadeira religião ensinada pelos profetas e patriarcas, mas eram características das falsas religiões praticadas pelos países circunvizinhos que se haviam afastado do Senhor.

Entretanto, o impacto total das instruções de Moisés a Israel somente pode ser apreciado pelo estudo do versículo seguinte, que diz:

“O Senhor teu Deus te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis.” (Deut. 18:15.)

Assim, a mensagem da Escritura toda é que Israel não deveria procurar quiromantes nem astrólogos, para obter orientação espiritual, pois o Deus dos céus falaria ao seu povo através de seus servos designados, os profetas. Moisés foi um deles.

A passagem faz alusão direta a Cristo, de quem todos os profetas testificaram, e o qual é o exemplo supremo de um verdadeiro profeta. Devido à referência a Jesus, citamos muitas vezes o versículo 15 isoladamente, mas, ao assim fazermos, perdemos o contraste feito entre os verdadeiros e os falsos profetas. As superstições pagãs aparecem para simular os verdadeiros dons que os profetas, videntes e reveladores apontados por Deus possuíam.

Isaías também discute este assunto:

“Quando vos disserem: consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes; — não recorrerá um povo ao seu Deus? a favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos?

À Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.” (Isa. 8:19-20.)

A superioridade dos verdadeiros profetas sobre os astrólogos, adivinhos e encantadores é ilustrada na experiência de Daniel com os caldeus:

“E o rei mandou chamar os magos, e os astrólogos, e os encantadores, e os caldeus, para que declarassem ao rei qual tinha sido o seu sonho; e eles vieram e se apresentaram diante do rei.

“E o rei lhes disse: Tive um sonho; e para saber o sonho está perturbando o meu espírito. . .

“(mas), o que foi me tem escapado. . .

“Responderam os caldeus na presença do rei, e disseram: Não há ninguém sobre a terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, senhor ou dominador, que requeira cousa semelhante dalgum mago, ou astrólogo, ou caldeu.

“Porquanto a cousa que o rei requer é difícil, e ninguém há que a possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne. . .

Então foi revelado o segredo a Daniel numa visão de noite: então Daniel louvou o Deus do céu.

“Falou Daniel, e disse: Seja bendito o nome de Deus para todo o sempre, porque dele é a sabedoria e a força. . .

“Ó Deus de meus pais, eu te louvo e celebro porque me deste sabedoria e força; e agora me fizeste saber o que te pedimos, porque nos fizeste saber este assunto do rei. . .

“Respondeu Daniel na presença do rei, e disse: O

segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei;

“Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; ele pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias...” (Vide Dan. 2:2-28.)

Da mesma forma Moisés e Aarão tiveram maior poder do que os magos egípcios. (Vide Êxodo 7:10:12.)

O reino do norte de Israel não deu ouvidos às admoestações dos verdadeiros profetas e começou a praticar as falsas religiões de seus vizinhos, principalmente a da corrupta rainha Jezebel, mulher fenícia, esposa de um rei israelita, Aab. Que essas falsas religiões praticavam as adivinhações e os encantamentos, sabemos através de II Reis 17:16-18:

“E deixaram todos os mandamentos do Senhor seu Deus, e fizeram imagens de fundição, dois bezerros: e fizeram um ídolo do bosque, e se prostraram perante todo o exército do céu, e serviram a Baal.

“Também fizeram passar pelo fogo a seus filhos e suas filhas, e deram-se a adivinhações, e criam em agouros; e venderam-se para fazer o que parecia mal aos olhos do Senhor para o provocarem à ira.

“Pelo que o Senhor muito se indignou sobre Israel, e os tirou de diante da sua face: nada mais ficou, senão só a tribo de Judá.”

Como conseqüência disso, Israel logo sucumbiu à força do conquistador exército assírio.

Aproximadamente um século mais tarde, o bom rei Josias promoveu uma reforma muito necessária no reino do sul de Judá, e lemos que ele...

“...destituíu os sacerdotes... também os que incensavam a Baal, ao sol, e à lua, e aos mais planetas...”

“E também os adivinhos, e os feiticeiros, e os terafins, e os ídolos, e todas as abominações que se viam na terra de Judá e em Jerusalém, os extirpou Josias, para confirmar as palavras da lei, que estavam escritas no livro que o sacerdote Hilquias achara na casa do Senhor.” (II Reis 23:5,24.)

Nos tempos do Novo Testamento, enquanto Paulo fazia o trabalho missionário na ilha de Chipre, Elimas, um “mágico falso, profeta”, não somente se opôs aos ensinamentos de Paulo, mas também procurou apartar da fé o procônsul (da ilha). Então Paulo, “cheio do Espírito Santo, e fixando os olhos nele, disse: Ó filho do

diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor?” (Atos 13:6-10.)

Não pode haver erros quanto ao que Paulo sentiu a respeito desse representante dos encantamentos.

Mais tarde, em Éfeso, a pregação de Paulo resultou na conversão de muitas pessoas ao Evangelho de Jesus Cristo, de modo que “...muitos dos que tinham crido vinham, confessando e publicando os seus feitos.

“Também muitos dos que seguiam artes mágicas trouxeram os seus livros, e os queimaram na presença de todos, e, feita a conta do seu preço, acharam que montava a cinqüenta mil peças de prata.

“Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia.” (Atos 19:18-20.)

Quando essas pessoas entraram para o verdadeiro aprisco do Senhor, não mais desejaram nem precisaram dos livros das “artes mágicas” que eram, aparentemente os manuais que continham os artifícios das falsas religiões.

A participação voluntária nestas formas de adoração supersticiosa constitui pecado, como aconselhou o Profeta Samuel ao rei Saul...” a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria...” (1 Samuel 15:23.) O registro bíblico também mostra que Saul perdeu o espírito do Senhor, quando se envolveu com o espiritualismo. (Vide 1 Samuel 28:1-20.)

Finalmente, Paulo escreveu aos Gálatas que a “feitiçaria” é uma das obras da carne”, das quais deverão afastar-se aqueles que têm o Espírito do Senhor. (Vide Gálatas 5:19-21.)

As Escrituras mostram que os encantamentos e as artimanhas dos feiticeiros, dos médiuns e dos necromantes são características das falsas religiões e superstições do mundo, e que aqueles que os praticam estão efetivamente competindo com os verdadeiros apóstolos e profetas. Todos aqueles que estão em comunhão com o espírito e a fé em Jesus Cristo não deverão dar ouvidos a quaisquer formas de adivinhações e feitiçaria espiritual.

O Dr. Matthews é professor-assistente da cadeira de Escrituras antigas da Universidade de Brigham Young e trabalha no Comitê de Correlação de Adultos da Igreja.

Os Confins Da Terra

Uma Entrevista
a Respeito da
Nova Missão Internacional



Nos princípios de 1973, a Primeira Presidência anunciou a formação da Missão Internacional, cuja finalidade é a de servir aos membros da Igreja que residem em áreas remotas do globo. O Élder Bernard P. Brockbank, assistente do Conselho dos Doze, foi chamado para servir como presidente dessa missão.

A Missão Internacional difere das outras, porque não tem missionários proselitistas; sua sede é no Edifício de Administração da Igreja, cujo endereço é o seguinte: 47 East South Temple Street, Salt Lake City, Utah 84111.

O Élder Howard W. Hunter, assessor do Conselho dos Doze à missão, e o Presidente Brockbank responderam, recentemente, às perguntas formuladas a respeito do progresso da missão.

PERGUNTA: Como descreveria o propósito principal da Missão Internacional?

ÉLDER HUNTER: A Missão Internacional foi organizada para servir a todas as pessoas que não residam em estacas e missões, a fim de que tenham uma unidade da Igreja para a qual são responsáveis e vejam satisfeitas, assim, as suas necessidades.

PERGUNTA: Como eram servidos, anteriormente?

ÉLDER HUNTER: Se é que foram servidos, o foram pelas unidades da Igreja local.

PERGUNTA: A Missão Internacional difere das outras missões existentes?

ÉLDER BROCKBANK: Sim, difere. As missões integralmente organizadas possuem missionários proselitistas. Na Missão Internacional, não temos desses missionários, nem a responsabilidade para o proselitismo.

PERGUNTA: Quantos membros existem nessa missão?

ÉLDER BROCKBANK: O número de membros varia e flutua, mas contamos com cerca de quinhentos, atualmente. Sabemos que provavelmente existem outros tantos, a respeito dos quais ainda não temos informações atualizadas.

PERGUNTA: Onde estão esses quinhentos membros? Em alguma parte do mundo existem grupos com número considerável de membros?

ÉLDER HUNTER: O grupo maior localiza-se na Islândia, mas não representa o número maior de um país, seja ele qual for. Eles estão espalhados em tantas áreas que seria um erro escolher uma delas. Numa pequena

ilha — a Ilha de Páscoa — localizada no Pacífico, contamos com apenas um membro, o que acontece também em Madagascar e noutra pequena ilha, no Atlântico, entre a América e a África, conhecida como Ilha da Ascensão.

PERGUNTA: A maioria dos membros da Missão Internacional é constituída de cidadãos americanos?

ÉLDER BROCKBANK: A maioria, sim. Mas temos membros da Inglaterra, França, Alemanha, Canadá e muitos outros países. Existem alguns envolvidos com as forças armadas, postos diplomáticos e especulações comerciais. Um de nossos membros britânicos trabalha em Cuba e, embora esse país não pertença à Missão, nós nos correspondemos com ele, porque não há ninguém mais para fazê-lo.

PERGUNTA: Como, realmente, servem aos membros da Missão Internacional? Mantêm contato individual regular?

ÉLDER BROCKBANK: Tudo é feito por correspondência; programas e publicações da Igreja. Mostramos às pessoas aquilo que temos disponível para elas e, basicamente, todos os programas são disponíveis, se puderem fazer uso deles. Providenciamos que recebam livros e materiais. Por exemplo, enviamos o manual de reuniões familiares para aqueles a quem pudemos alcançar. Tentamos corresponder-nos com todos os membros, pelo menos a cada dois ou três meses, e com os líderes de grupo e presidentes de ramos pelo menos uma vez por mês.

ÉLDER HUNTER: Quando se trata de uma família isolada, enviamos o material da Sociedade de Socorro à irmã, a fim de que ela possa manter-se em dia com o seu trabalho nessa organização. A Primária pode ser realizada da mesma forma. Se um jovem estiver na idade para ser ordenado diácono, enviamos aos seus pais as informações de que precisam para prepará-lo a essa ordenação, e fazemos os preparativos para ela. Se uma criança está prestes a completar oito anos, tomamos as providências, com a família, para que seja batizada.

PERGUNTA: Vocês operam através de líderes de grupo e presidentes de ramos, em algumas áreas?

ÉLDER HUNTER: Sim, são designados pelo presidente da missão. Devemos esclarecer também que, quando uma pessoa se muda para uma área servida pela Missão Internacional, seus registros são transferidos para a sede da missão, da mesma forma como aconteceria, caso

se mudasse de uma ala para outra.

PERGUNTA: Os bispos e presidentes de ramos desempenham papel importante na tarefa de enviar nomes para a Missão Internacional?

ÉLDER HUNTER: Certamente que sim; e, se entenderem profundamente tudo o que poderemos fazer em favor dos membros, creio que se mostrarão ansiosos por enviar-nos as informações.

PERGUNTA: Como preferem que as pessoas entrem em contato com vocês? Desejam receber cartas de qualquer um que seja designado para uma área onde sabem com certeza que não existe missão?

ÉLDER BROCKBANK: A maneira mais apropriada seria escrever diretamente para a Missão Internacional, enviando nomes e endereços, e identificando o local onde estão seus registros de membro, além de informações sobre a própria pessoa. Nós responderemos imediatamente, encaminhando os registros, dando-lhes direção e conselhos.

ÉLDER HUNTER: Se puderem entrar em contato com o Presidente Brockbank logo que souberem para que lugar irão, ele poderá dar-lhes informações a respeito de outros membros da Igreja e os materiais que poderão levar consigo. Quanto mais cedo entrarem em contato com o Presidente Brockbank, maiores serviços poderão receber.

PERGUNTA: Essa idéia de informá-los a respeito de outras famílias que poderão estar na mesma área — têm oportunidade de fazer isso freqüentemente?

ÉLDER BROCKBANK: Recebemos diariamente solicitações de membros, quer daqueles que estão de partida para uma missão no estrangeiro, quer daqueles que já se encontram lá, desejando saber se existem outros membros em sua área. Embora eles possam estar apartados por 300 ou 400 quilômetros de distância, poderão trocar correspondência e sentir que existe alguém a quem recorrer. Tivemos muitos casos em que os membros agiram assim.

ÉLDER HUNTER: A propósito, recebemos carta de um irmão que fora transferido para outro país, tendo à sua escolha vários lugares. Ele escreveu para o Presidente Brockbank, indagando se havia membros da Igreja nesses lugares — isso contribuiu para ajudá-lo na escolha que tinha que fazer.

ÉLDER BROCKBANK: Se alguém souber da existência de membros isolados, poderá escrever e informar o

endereço à Missão Internacional, a fim de que possamos entrar em contato com esses irmãos. A Missão Internacional precisa saber não apenas onde o membro se encontra no momento, mas também onde se achava antes; de outra forma, será difícil localizar seus registros.

ÉLDER HUNTER: Isso acontece freqüentemente. Se pudermos ter o nome dos pais e dos filhos, eles serão de grande valia. Se tivermos apenas o nome de um indivíduo, não saberemos se tem ou não família. Será muito útil recebermos os nomes dos membros da família.

PERGUNTA: Qual a receptividade desse tipo de serviços que estão prestando através da Missão? Isso está contribuindo para que se mantenham próximos da Igreja?

ÉLDER BROCKBANK: Pelas cartas que recebemos dos membros, parece que estão muito contentes em saber que a Igreja se interessa por eles, cuida deles e se mantém em contato com eles — isso também contribui para que estejam ligados a ela.

PERGUNTA: Vocês os incentivam a manter um programa regular de estudo das Escrituras? Por exemplo, o que podem fazer para manter-se em comunhão com o Senhor e com a Igreja?

ÉLDER BROCKBANK: Quando estamos numa área isolada, distantes do ambiente familiar e dos programas da Igreja aos quais nos acostumamos, a correspondência tem grande efeito e impressão em nosso pensamento. Por esse motivo, transmitimos amor e bondade por correspondência a fim de permitir que os membros saibam que são importantes e que a Igreja deseja que estejam em contato com os seus programas. Enviamos-lhes saudações do Presidente Spencer W. Kimball e a mensagem do profeta por ocasião das conferências. Enviamos cópias dos discursos da Primeira Presidência e incentivamos os irmãos para que as leiam e vivam como um filho de Deus deve viver. Pode-se fazer muito por correspondência, quando se tem em mente que os membros estão sob influência de grandes tentações, enquanto vivem neste mundo. Eles geralmente acham que estão muito sozinhos, e por isso, esse contato com a Igreja é algo que edifica sua fé e testemunho e os ajuda a saber que estão em contato com a Igreja, de alguma forma.

PERGUNTA: O que podemos fazer, nós, que estamos confortavelmente abrigados em alas e ramos, em favor daqueles que vivem na Islândia e Madagascar?

ÉLDER BROCKBANK: As famílias e os amigos devem manter correspondência com esses irmãos e amigos que se acham distantes de casa.

ÉLDER HUNTER: Os grupos de jovens adultos e interesses especiais que estejam procurando oportunidades de serviço poderão, talvez, "adotar" uma família da Islândia ou Madagascar, ou seja, qual for o lugar em que se encontrar. Poderão manter contato com a família através da Missão Internacional.

PERGUNTA: Deve haver alegria especial nesse trabalho?

ÉLDER HUNTER: Quando a Primeira Presidência e os Doze tomaram a decisão de organizar a Missão Internacional, designando o Élder Brockbank como presidente, fiquei muito entusiasmado com as perspectivas.

Sei que isso levará o Evangelho às vidas de muitas pessoas que, de outra forma, poderiam não ter a oportunidade. Vai ajudar os indivíduos em sua busca pela Igreja. Sei que muitas coisas boas serão feitas por muitos indivíduos através deste programa. Ele tem grandes possibilidades, se tivermos visão das coisas que podem ser realizadas.

ÉLDER BROCKBANK: A Igreja está demonstrando, atualmente, grande interesse por todos os membros — muitos programas estão sendo usados para atingir o indivíduo.

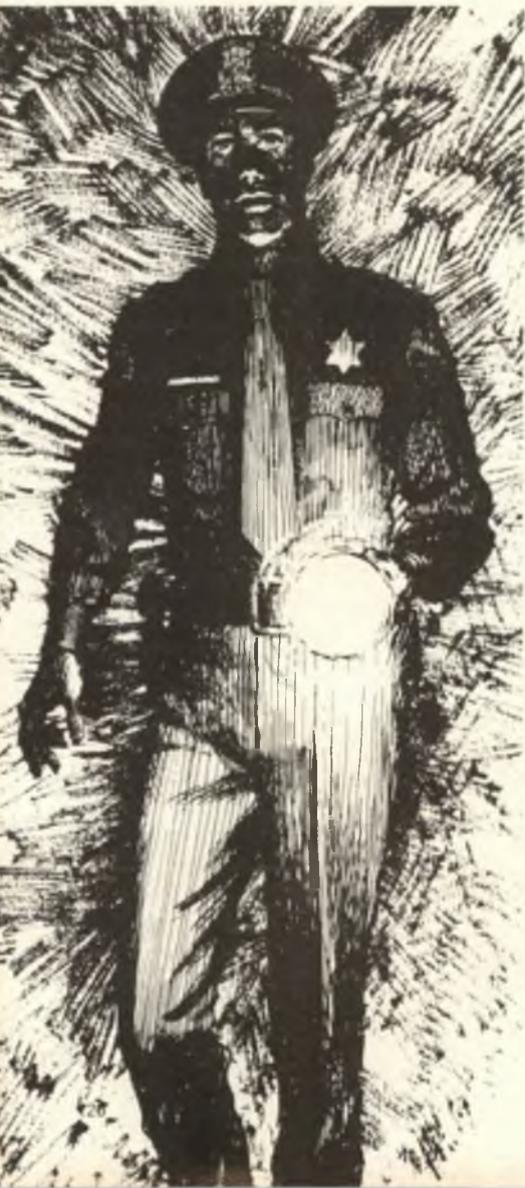
A Missão Internacional foi designada a encontrar os membros da Igreja que estejam isolados e distantes das organizações estabelecidas da Igreja e a fazer contato com eles. O Senhor deseja que cada um de seus santos esteja próximo de sua Igreja. Ele nos deu a Parábola da Ovelha Perdida; tinha noventa e nove em lugar seguro, mas conduziu uma busca para encontrar aquela que se extraviara.

Embora as pessoas pelas quais somos responsáveis não se tenham extraviado, estão afastadas das missões e estacas organizadas. Como resultado, precisamos alcançá-las e manter contato próximo com elas, a fim de que tenham acesso às bênçãos da Igreja e às bênçãos do viver cristão. Queremos que saibam que a Igreja se interessa por elas, que o Senhor também se interessa, e que devem tirar proveito daquilo que ele programou para elas. Isso deve mantê-las próximas do profeta e dos apóstolos do Senhor, e lhes proporciona um refúgio seguro para o viver cristão e para o programa da Igreja.

Histórias das Autoridades Gerais

Presidente S. Dilworth Young

Do Primeiro Conselho dos Setenta



Todas as vezes que tenho oportunidade de dirigir-me à juventude, preciso controlar-me para não chorar. Sabem, certa vez tive um filho que, após passar um ano na universidade, foi convocado para a guerra. Gosto de pensar que ele agiu com bravura.

Quando interrogado pelo sargento em comando, ele disse: "Existem estas escolas." E citou-as: "rádio, cozinha, língua estrangeira, inteligência, hospital..." Ele citou aproximadamente oito. Disseram aos jovens que poderiam escolher uma delas, se quisessem, antes de entrar para o Exército. Ele acrescentou: "Vocês podem ir para uma dessas escolas, ou partir para o fronte."

Meu filho e outro jovem que estava com ele disseram, sem hesitar:

— Iremos para o fronte.

Perguntei-lhe, mais tarde:

— Por que preferiu combater?

— Alguém tem que lutar. Ele acrescentou que não queria ter um peso na consciência, por ter evitado deliberadamente o combate, de modo que outro rapaz tivesse que escolher entre a oportunidade de ser morto.

— Se alguém tem que morrer nesta guerra, sentir-me-ia terrível, se não tivesse minha parte no risco.

Para mim, ele ainda tem vinte anos — quase a sua idade. E talvez permitam que lhes fale como se estivesse falando a ele. O conselho que daria a vocês, daria a ele.

Eu lhe diria: **não minta**. Uma vez dita a mentira, compromete-se a se

recordar de todos os pormenores da situação, a fim de encobrir essa mentira. Além disso, se mentir e for descoberto, durante o resto de sua vida perderá a confiança daquele que o descobriu. Sempre que seu nome for mencionado, se ele estiver em posição para dar-lhe um cargo ou promoção que requeira confiança, a mentira será lembrada e ele não terá confiança em você.

Você poderá arrepender-se muito antes de ser perdoado, até mesmo por ele, mas, mesmo que mude, ele sempre ficará pensando se você realmente se arrependeu. Por outro lado, se disser sempre a verdade, não importa qual seja, um dia, salvará sua reputação e, quem sabe, sua honra.

Tive uma experiência que ilustra essa verdade. Minha esposa estava muito doente. Eu estava em Provo, Utah, num programa de escotismo — não me recordo no momento que atividade era — e havia-lhe prometido que voltaria mais ou menos às seis horas da tarde. Deixei alimentos perto de sua cama, a fim de que pudesse ter com que se alimentar, uma vez que não podia levantar-se da cama — estava impossibilitada — e era obrigado a deixá-la sozinha.

O programa se estendeu, em Provo, de modo que não pude partir antes das onze horas; fiquei muito preocupado, enquanto voltava para casa. As estradas, naquela época, não eram como as de hoje; tinha que entrar em todas as cidades que ficavam no caminho. Passei por Lago

Conselho a um

Salgado à meia-noite. Tomei a direção norte — a lua estava cheia, iluminando a estrada; podia enxergar como se fosse dia. Era o único transeunte na estrada. Acelerei até chegar ao cruzamento onde deveria pegar a estrada montanhosa em direção a minha cidade. Tomei o caminho e acelerei de verdade. Estava a 110 quilômetros por hora, o que era uma boa velocidade para aqueles dias naquela estrada. Acelerei ao passar o cruzamento para Hill Field, e entrei no Weber Canyon. Já estava quase na metade da descida, quando, pelo espelho retrovisor, vi a luz vermelha. O guarda de patrulha estava escondido acima da estrada de Hill Field. Diminuí a velocidade e sai para o acostamento. (As pessoas preferem descer do carro, quando um policial se aproxima, e levantar as mãos para o alto, a fim de que ele possa constatar que não estão armadas — pelo menos à meia-noite!) Já era quase uma hora da madrugada.

Retrocedi alguns metros e fiquei parado, ao alcance de sua lanterna; ele se aproximou e parou a cerca de 30 metros, desceu do carro e veio até a mim, pedindo:

— Posso ver sua licença e os documentos do carro?

Apanhei os documentos, entreguei-lhe e ele deu uma olhadela — não se importou em olhar para minha carta de motorista.

— Creio que vai prender-me por excesso de velocidade.

— Sim, o senhor estava a mais de noventa por hora.

Respondi-lhe:

— Estava a mais de cem por hora. Pode multar-me. Preciso ir para casa, pois minha esposa está muito doente e sozinha. Pagarei a multa, mas deixe-me ir embora.

Ele então me disse:

— Não vou multá-lo, mas dar-lhe um aviso de advertência, a fim de ser mais cauteloso da próxima vez. Não precisará comparecer à corte, mas se tornar a cometer a infração, será multado por ambas.

Fiquei pensando: por que será que ele me deu apenas a advertência? Enquanto isso, ele fez as anotações e entregou-me o aviso; em seguida, sorriu, estendendo a mão, coisa que um policial dificilmente o faz, e acrescentou:

— Meu nome é Bybee. Fui um de seus escoteiros no acampamento de Kiesel.

Por todo o restante do percurso, enquanto guiava, dizia a mim mesmo: "E se lhe tivesse mentido, e se lhe tivesse mentido."

Posso garantir-lhes que, se mentirem, isto os acompanhará por toda a vida e arderá em sua alma seguidamente, até o dia de sua morte.

Outro conselho que daria a meu filho é este: **Não diga falso testemunho.** É muito fácil fazê-lo; na verdade, estamos sempre fazendo-o. Adoramos comentar o que tal pessoa fez ou não fez, ou que alguém pensou que fez. "Se não puder dizer nada de bom a respeito de uma pessoa, então não diga nada." — Todos já ouviram essa frase centenas de vezes.

Não me refiro às ocasiões em que uma pessoa está em julgamento, e vocês necessitam testemunhar em corte, mas sim de quando, impensadamente, marcam alguém com uma característica ou ato, que pode ou não ser verdadeiro, que ouvirem outrem comentar; e, com certo prazer, repetem a história para seus amigos. Isso é um negócio perigoso.

Dirigia, certa vez, uma conferência em Lago Salgado, e o Presidente George F. Richards, do Conselho dos Doze, estava presente. Perguntei se queria fazer uso da palavra e ele respondeu que não, que não se importava em falar, que deixava para mim a oportunidade. Comecei então meu discurso, dizendo à congregação que, se inventassem qualquer comentário sobre uma pessoa, ela ficaria marcada pelo resto da vida, e quase todos acreditariam; que, portanto, não deviam dizer falso testemunho.

Enquanto falava, senti uma palmatinha em meu ombro; o Presidente Richards estava ali, de pé, atrás de mim, e disse: "Mudei de idéia. Desejo falar."

Ele disse mais ou menos o seguinte:

"Certa vez, quando era sumo-conselheiro de uma estaca, alguém fez uma grave acusação contra um irmão. Estávamos estudando a possibilidade de levá-lo a julgamento, quando o presidente da estaca resolveu conversar primeiro com ele, em particular; quando o fez, o homem **provou**, para satisfação de todos, que não apenas era inocente, mas também não se encontrava no país no dia do incidente. Ele se achava em algum lugar distante e não poderia, de modo algum, ter praticado a ação.

"Quarenta anos se passaram e o nome desse irmão foi proposto para um cargo muito importante na Igreja. Mesmo que não o quisesse, vi-me pensando: 'Será que a história a respeito do homem era verdadeira?', mesmo que ele tivesse, na época, provado ser falsa. Tive que me conter para não votar contra ele, por causa da mentira dita há quarenta anos atrás. Então o Presidente sentou-se, e continuei a falar.

Isso pode acontecer a vocês. E, se a mentira for sobre vocês mesmos, entenderão o que quero dizer.

Que o Senhor possa abençoá-los, irmãos.

Filho

Jonas

John A. Tvedtnes

Autenticidade da história de Jonas tem sido questionada por muitos eruditos em várias oportunidades. Em primeiro lugar, dizem eles, a narrativa é vaga e, mesmo que alguns lugares específicos sejam mencionados (Nínive, Jopa e Tarsis), o nome do rei de Nínive nunca aparece.

Em segundo lugar, o Velho Testamento apresenta o único relato existente a respeito do dramático arrependimento do povo de Nínive.

Em terceiro lugar, a própria natureza do livro de Jonas leva alguns peritos a acreditarem que se trata de pura ficção, escrita com o único propósito de provar a onipresença e o amor do Deus dos hebreus (uma vez que falta cenário histórico.)

Em quarto lugar, alguns afirmam que não existia nenhuma baleia ou "grande peixe", cuja garganta fosse suficientemente grande para permitir a passagem de um homem inteiro.

As três primeiras objeções são de natureza negativa e não conclusiva. Pode-se facilmente escrever uma história verídica, sem perspectivas históricas, se o propósito da narrativa for o de provar determinado ponto. Tirando a mudança acarretada pelo arrependimento do povo de Nínive, a história de Jonas tem pouco valor histórico.

Mas o valor moral justifica sua existência e demonstra novamente o amor de Deus, quando obedecemos aos seus mandamentos.

A apreensão de Jonas em ser chamado para pregar o arrependimento ao povo de Nínive é mais fácil de ser entendida, quando se tem conhecimento da crueldade característica dos assírios. O rei dos assírios, Assurbanipal II, por exemplo, apregoava a maneira de torturar os cativos, inclusive mulheres e crianças. Alguns eram deixados para morrer de sede, enquanto outros eram aprisionados ou queimados vivos. Outros ainda eram impalados em estacas, esfolados vivos e deixados ao sol para morrer. O atualmente famoso mural de Senaqueribe, em Nínive, retratando a tomada de Laquish, mostra os assírios torturando os israelitas cativos por esses métodos. Os mais afortunados escapavam com torturas menores, como por exemplo amputação de uma das mãos, orelha, dedo, e do nariz ou tendo os olhos vazados.

O medo que Jonas sentia dos assírios, então, não era infundado. Foi somente depois de sofrer durante uma terrível tempestade e após a angustiante experiência de ser deglutido por um peixe ou baleia, que ele decidiu enfrentar a iníqua população da cidade de Nínive.

A referência que Jesus fez a Jonas, contudo, aumentou o crédito da narrativa. (Vide Mateus 12:38-41; 16:4; Lucas 11:29-30.) É interessante notar que o Novo Testamento grego usa a palavra "baleia", enquanto a versão hebraica do livro de Jonas diz que o "Senhor" preparou "um grande peixe". (Vide Jonas 1:17.)

O fato de o animal ter sido "preparado" poderia indicar que não era um animal convencional, perfeitamente capaz de engolir um homem inteiro. Além disso, existe caso mais recentemente documentado, a res-

peito de um homem que foi na verdade engolido por uma baleia e que sobreviveu para contar a respeito.

Em 1891, a tripulação de uma baleeira que operava ao largo das Ilhas Falkland, viu-se em dificuldades. Uma baleia, que emergiu quando o arpão penetrou em sua carne, virou o pequeno barco, emborcando-o. Três dos homens não conseguiram regressar à nave-mãe.

Mais tarde, naquela mesma noite, a baleia morta veio à superfície, e foi amarrada à baleeira. Quando a tripulação começou a tarefa de espostejá-la, um dos três homens perdidos, James Bartley, foi encontrado no estômago do mamífero. Ele havia sobrevivido ali dentro durante 15 horas! A acidez do estômago da baleia descolorou sua pele para sempre, removeu todos os fios de cabelo e ele quase ficou cego. Impossibilitado de continuar com sua profissão, Bartley tornou-se sapateiro e passou o resto de seus dias como remendão.

A aparentemente impossível história de Jonas se torna mais verossímil, quando estudada em comparação com este igualmente fantástico — mas verdadeiro — acontecimento moderno. E, como para provar a autenticidade do profeta Jonas, filho de Amitai, o relato diz que ele viveu nos dias de Jeroboão II. (Vide 2 Reis 14:25.)

O irmão Tvedtnes é candidato a doutoramento em antropologia da Universidade Hebraica, em Jerusalém. Ele é também conselheiro da presidência do ramo de Jerusalém.





O Dom do Espírito Santo



Numa reunião de testemunhos, freqüentemente acontece de um menino ou menina de oito anos ou mais, o qual tenha sido batizado (ou então adulto que tenha sido batizado) ser chamado para apresentar-se diante da congregação, juntamente com seu pai ou outro portador do Sacerdócio. A pessoa a ser confirmada senta-se numa cadeira, e o portador do Sacerdócio faz a oração da confirmação, enquanto outros homens dignos impõem suas mãos sobre a cabeça da pessoa, que é confirmada membro d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

As palavras usadas na oração são simples, porém muito importantes: "...confirmando membro d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e digo: Recebe o Espírito Santo."

As Escrituras nos dizem que todos precisam ser batizados e receber o dom do Espírito Santo, a fim de tornar à presença de nosso Pai Celestial e com ele viver novamente.

O Espírito Santo é um personagem muito especial e sagrado. É um dos membros da Trindade, mas, enquanto nosso Pai Celestial e Jesus possuem corpos de carne e ossos como nós, o Espírito Santo tem apenas a forma de um homem. Ele é um espírito, que pode comunicar-se conosco de maneira tão suave, que podemos per-

cebê-lo sem que ouçamos som algum.

O Espírito Santo pode dizer-nos o que é certo e o que é errado. Ele pode ajudar nossos testemunhos a continuarem a crescer. Pode guiarnos, afastando-nos do perigo, lembrando-nos das coisas que devemos lembrar-nos, confortando-nos em épocas de dificuldades. Mas cada um de nós precisa guardar os mandamentos de nosso Pai Celestial, e aprender a ouvir aquela voz suave, dentro de nós, antes de gozarmos dessas bênçãos.

O Espírito Santo nos ajudará por toda a vida a compartilharmos o Evangelho com outras pessoas, se procurarmos seu auxílio. Ele também prestará testemunho àqueles que estão procurando honestamente saber que o Evangelho é verdadeiro.

Quando um homem, pelo poder do Sacerdócio de Melquisedeque lhe diz: "Recebe o Espírito Santo", você está recebendo um dom precioso, que pode ajudá-lo por toda a sua vida. Pense no sentido disso quando cantar, na Escola Dominical ou na Primária:

Com sua terna voz o Espírito me
[fala,
guiando, salvando do perigo e do
[mal.

Se eu tentar fazer o bem. Sua
orientação terei a guiar-me, a guar-
(dar-me e a banhar a alma em luz
Ouça, ouça, o Espírito sussurra.
Ouça, ouça a terna voz.



A LÍNGUA É O ESPEL

Dorothy Leon

Ilustrado por Sherry Thompson

Certa vez, após uma batalha vitoriosa, o Rei Abadusia conquistou muitos cativos para servi-lo.

— Que belo grupo, disse ele para a rainha.

— Você fala com sabedoria e verdade, meu rei, respondeu ela, elogiando-o.

— Entretanto, prosseguiu ele, como escolheremos entre eles um para servir-nos, pessoalmente, se todos parecem igualmente fortes e inteligentes?

O rei chamou o sábio do reino e perguntou-lhe:

— Como podemos escolher o melhor deles para servir-nos?

— É, na verdade, uma tarefa difícil, retrucou o sábio, mas pode ser realizada. Observe-

os com atenção e procure estes sinais: aquele que possuir as pernas tão rápidas quanto as da chita, cujos olhos sejam tão aguçados quanto o de uma águia e cuja voz seja tão suave quanto a de um cordeiro. Para testar sua inteligência, envie-o ao mercado para comprar alguma coisa boa. Em seguida, envie-o novamente ao mercado para comprar alguma coisa ruim.

O rei considerou as palavras do sábio e procedeu como ele havia sugerido.

Difundiu-se entre os cativos a notícia de que o rei estava procurando alguém para servi-lo e à gentil rainha. Todos queriam ser escolhidos, por isso permaneceram atentos, realizando todas as tarefas de que eram incumbidos.

Entrementes, o rei ficou observando os



HO DO CORAÇÃO



cativos enquanto trabalhavam, caminhavam ou corriam, conversavam e comiam. Um dia, ele notou que um certo homem parecia tão ereto quanto as pirâmides. Seu andar era ligeiro e seguro, havia perspicácia em seu olhar. Quando falava, sua voz era como o sussurro do vento cálido.

O rei chamou o homem e deu-lhe algumas moedas, dizendo:

— Vá ao mercado da cidade, e compre alguma coisa boa.

Dentro de pouco tempo, o cativo regressou com uma língua.

— Agora vá comprar alguma coisa ruim, ordenou o rei. E o jovem regressou com uma língua igual à primeira.

— O que quer dizer com isso? perguntou o rei rispidamente. Quando o enviei ao mercado para comprar alguma coisa boa, você trouxe uma língua. E quando o enviei novamente para comprar alguma coisa ruim, você voltou outra vez com uma língua.

— Sim, majestade, respondeu o cativo. Foi assim mesmo; pois da língua podem sair coisas boas e coisas más. Quando a língua profere palavras de bondade e justiça, nada se compara a ela, mas quando ela profere vis falsidades, não existe nada pior.

O rei e a rainha estavam satisfeitos. E, daquele dia em diante, o jovem sábio serviu-os com alegria e respeitosa.



UM CARACOL P

Carolyn Gloeckner

Marcos mal podia esperar pelo sábado. Às dez horas da noite, a maré estaria mais baixa do que em qualquer outra época do ano e aí talvez pudesse encontrar um caracol para a sua coleção.

Quando sua família mudou para a nova casa perto da praia no começo da primavera, Marcos começou a colecionar conchas. Tinha muitas delas, de diferentes formatos e tamanhos, mas, até agora não havia conseguido encontrar um caracol. Só havia visto fotografias dessa concha branca em espiral, muito lustrosa e com pequenas manchas marrons.

As esperanças de Marcos em procurar conchas se dissiparam, contudo, no sábado pela manhã, quando um carro parou diante de sua casa. A tia Judite desceu e contornou-o, para abrir a porta para seu filho, Milton, ajudando-o a saltar.

Marcos achou que os olhos de Milton pareciam duas bolas enormes, ampliados pelas grossas lentes de seus óculos. Sentiu uma ponta de piedade, quando viu como sua tia tinha que guiá-lo praticamente por todo o caminho.

— Olá, cumprimentou Milton, enquanto ambos se aproximavam do portão da frente.

— Olá, respondeu Marcos, tentando dar um tom alegre a sua voz. Sentiu-se um tanto culpado, quando viu que o primo trazia a caixa cheia de conchas que lhe havia entregue, a fim de mantê-lo ocupado e fora do caminho durante a sua última visita, por isso acrescentou:

— Venha ver as conchas que encontrei desde a última vez que você esteve aqui.

Milton seguiu-o até seu quarto, e Marcos mostrou-lhe duas novas conchas.

— São lindas, elogiou Milton, passando rapidamente os dedos sobre a superfície. Uma tulipa e um boné escocês, não é?

— Certo. Você não precisou das lentes de aumento para identificá-las, respondeu Marcos, admirado. Como soube de que tipo eram?

— Pelo tato, explicou o primo. Aprendi a identificar as conchas que você me deu através de um livro, na biblioteca.

— Você realmente tem estudado bastante. Não sabia que estava interessado em conchas.

— Pensei que talvez eu e você pudésse-



PARA MARCOS



mos procurá-las juntos, sugeriu Milton, ansiosamente.

— Haverá maré baixa, esta noite, retrucou Marcos, relutantemente. Talvez possamos ir.

Milton e Marcos passaram a tarde e a noite estudando as conchas da coleção de Marcos, e este ficou muito surpreso ao verificar como o primo identificava as conchas somente pelo tato.

— O que é isto? perguntou, mostrando um pedaço de concha.

— É um pedaço de caracol, respondeu o outro. Os caracóis são raros. Faz tempo que estou querendo encontrar um, mas só acho pedaços como esse. Veja uma foto do caracol neste livro.

Tirando uma lente de aumento de seu bolso, Milton estudou a fotografia.

— É realmente uma concha interessante, concordou. Seu livro sobre conchas é realmente muito bom. Não tem nenhum igual a este na biblioteca.

Finalmente, deu as dez horas. Com excitação cada vez maior, Marcos apanhou um balde,

uma pá e uma lanterna e, em seguida, os dois meninos desceram vagorosamente até a praia.

— Sei que o estou atrasando, disse Milton, de repente. Creio que é melhor você ir sozinho, enquanto fico aqui sentado esperando.

Marcos mal podia acreditar que o primo estivesse concordando em deixá-lo ir sozinho, mas, enquanto caminhavam, sentiu que queria mesmo que Milton fosse incluído na busca. Todo mundo sempre o deixava para trás. Marcos compreendeu como devia ser difícil para o primo ficar sempre sozinho, esperando pelas pessoas que iam em frente.

— Você não me atrasa tanto assim, respondeu. Além disso, será melhor irmos devagar, senão vamos perder muita coisa.

Milton ficou em silêncio por um segundo, depois agradeceu:

— “Obrigado”. Marcos sentiu que sua voz estava um tanto trêmula.

Quando os meninos chegaram à praia, a maré estava baixa; uma larga faixa de areia limposa estava a descoberto, e Marcos pôde ver os montículos de conchas espalhados por



todos os lados. Enquanto caminhavam pela areia limposa, Marcos focalizava aqui e ali uma boa concha e a colocava dentro do balde.

Subitamente, teve uma idéia.

— Ouça, Milton, por que você não procura conchas, também? Tudo o que tem a fazer é ajoelhar-se perto das pilhas e procurar as conchas pelo tato, até descobrir aquelas que deseja.

— É uma grande idéia, respondeu Milton, entusiasmado.

Os meninos prosseguiram até chegar a um montículo de conchas. Milton ajoelhou-se e começou a procurar. Dentro de poucos minutos, havia encontrado uma clausília pequena, mas perfeita, uma porcelana e uma scalaria.

De repente, soltou um grito de alegria:

— Uau, creio que encontrei um... “Mas parou. Não; é apenas um pedaço de uma concha qualquer. Veja Marcos, por que você não dá uma olhadela neste montículo? Talvez tenha deixado escapar muita coisa.

Marcos aproximou-se e inclinou-se para procurar. As conchas reluziam à luz de sua lanterna.

— Creio que já encontrou todas as conchas bonitas, disse, após alguns minutos.

— Continue olhando, insistiu Milton. Marcos não compreendia por quê Milton queria que ele ficasse num só lugar. Afinal de contas, havia muitas conchas pela praia. Mas resolveu dar uma última olhadela.

Foi então que viu alguma coisa — um caracol perfeito! Mal podia acreditar. A concha estava perfeita e inteira!

— Encontrei um caracol, exclamou Marcos.

Enquanto caminhavam pela praia, Marcos começou a pensar no que havia acontecido. Por que Milton não encontrou o caracol ele próprio? Estava lá, bem em cima do montículo. Ele deve tê-lo tocado.

Quando chegaram em casa, Marcos esqueceu-se de tudo, ocupado que ficou em guardar seu caracol junto com a coleção. Todos o cumprimentaram, mas ninguém parecia tão feliz quanto Milton.

Naquela mesma noite, mais tarde, Marcos ouviu seu primo dizer a sua mãe:

— Gosto das conchas que me dão, mas é muito mais divertido encontrá-las eu mesmo.

Marcos pensou nisso, enquanto olhava o lindo caracol. Milton sabia que ele estava naquele montículo, todo o tempo. Mas ele também sabia que eu ficaria muito mais contente, se eu mesmo o encontrasse!

Na manhã seguinte, enquanto Milton se preparava para partir, Marcos entregou-lhe o livro sobre conchas, que haviam estudado no dia anterior.

— Por que você não leva este livro para casa, Milton? Quando vier outra vez, poderá passar mais tempo procurando conchas.

O semblante do primo iluminou-se de surpresa.

— Vou estudar com afinco, e estarei pronto para ir aonde você quiser, disse, emocionado.

E Marcos estava falando sério, quando disse:

— Será maravilhoso. Mal posso esperar pelo dia em que você voltar!





Histórias Verídicas de Fiji

Um Testemunho Especial

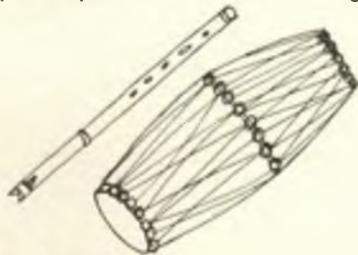
Quando Juliet era bebê, teve vários problemas estomacais e precisou ser operada duas vezes, antes mesmo de completar um ano.

Um dia, quando já era mais velha, sua temperatura começou a subir demais. Sua mãe tentou fazer com que a menina melhorasse, mas nada conseguia. Finalmente, decidiu ir até a casa da missão e pedir que os élderes lhe dessem uma bênção.

Os missionários atenderam ao pedido e, quando foram até sua casa, mais tarde, a fim de saber como a menina estava passando, encontraram-na dormindo calmamente.

Juliet foi internada no Hospital das Crianças da Primária, por duas vezes, mas nunca ficou completamente curada. Contudo, as bênçãos recebidas dos élderes contribuíram para que se sentisse melhor.

Juliet sempre aconselhava seus familiares a se batizarem, até que, finalmente, em março de 1968, todos foram batizados. Encontraram, dentro da Igreja, muitas amigas e muita felicidade. Recordam-se com amor especial de Juliet e seu testemunho, e são gratos por tê-los influenciado e a muitos outros, para que se filiassem à Igreja



Um Bom Exemplo

Jayant amava a Igreja, mesmo antes de tornar-se membro dela. Gostava de ouvir seu tio falar sobre o Evangelho, contando sobre como ele havia sido o primeiro habitante da Índia a se filiar à Igreja em Fiji.

Após ouvir os missionários, Jayant pediu permissão aos pais para filiar-se à Igreja. Depois de tê-lo feito, esforçou-se bastante por ser um missionário entre seus familiares, vivendo os princípios do Evangelho e sendo um bom exemplo.

Não demorou muito para que seu pai e seu irmão fossem batizados, mas sua mãe vacilava. Seu avô havia sido importante sacerdote indu e ela tinha receio do que sua família viesse a dizer, caso se tornasse mórmon. Devido ao exemplo do filho, entretanto, ela finalmente se filiou à Igreja.

Atualmente toda a família de Jayant é ativa no ramo de Suva, em Fiji e conhece a alegria e o amor que advêm de servirem ao nosso Pai Celestial.



Uma Bênção

Oripa vive nas Ilhas Fiji. Há alguns anos atrás, ela queria, acima de tudo neste mundo, filiar-se A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sua irmã mais velha era mórmon, e Oripa pediu permissão aos pais para ser batizada, mas eles negaram.

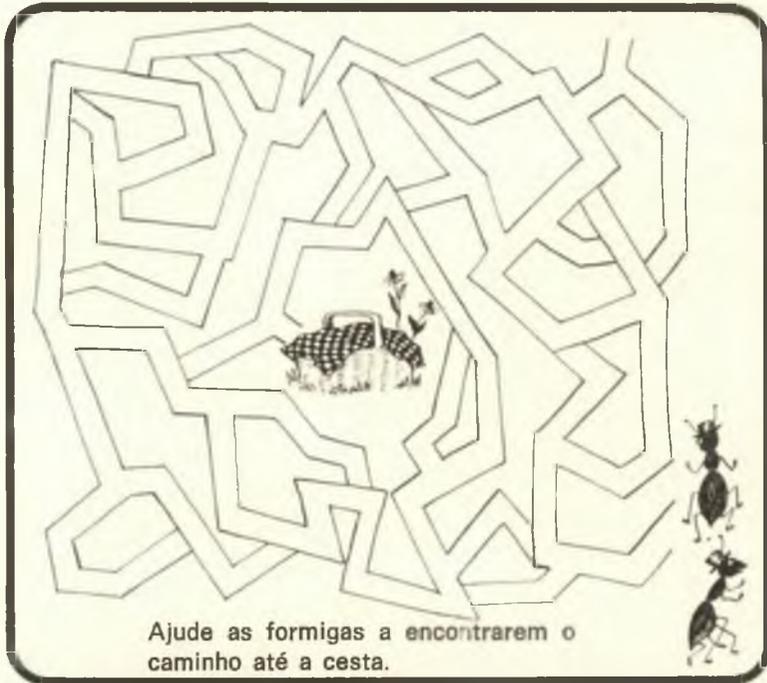
Contudo, chegou o dia em que Oripa completou dez anos, e aí suas orações foram respondidas. Ela ficou tão feliz, no dia em que foi confirmada membro da Igreja, que não conseguia impedir que lágrimas de felicidade escorressem por suas faces. Ela sabia que nosso Pai Celestial a abençoaria.

Oripa era muito esforçada, e fazia o melhor que podia, tanto em casa quanto na escola. Todas as alunas da classe 6 estavam fazendo exame; Oripa tirou a nota mais alta de toda a Ilha, entre as crianças de sua idade.

Naquela noite, quando sua irmã mais velha chegou em casa, beijou sua irmãzinha e a cumprimentou por ter ido tão bem no exame. Quando seus orgulhosos pais lhe perguntavam sobre o exame, ela respondeu que sabia que era uma bênção de nosso Pai Celestial, por ter-se filiado à Igreja dele.



SÓ PARA DIVERTIR



Ajude as formigas a encontrarem o caminho até a cesta.



É tão divertido observar as pessoas!



Ponto por Ponto

Carol Conner

Una os pontos, a fim de descobrir um animal útil ao homem.

Richard H. Cracoft

REPARTE TEU PÃO

Estava prestes a terminar minha missão; a última semana havia chegado e já tinha sido desobrigado da presidência do ramo de Baden, na Suíça; passaria minha última semana na casa da missão, em Basel.

Estava ansioso por iniciar a viagem de volta ao lar, pois achava que havia trabalhado com afinco, tendo cumprido uma boa missão — uma missão memorável. Antegozava o prazer que encontraria ao regressar para casa. O Senhor havia abençoado minha família com prosperidade, saúde e força. Sentia orgulho de minha mãe, que havia continuado a suportar o pesado fardo que assumira, quando papai ficou subitamente cego, em 1951. Papai havia-se ajustado maravilhosamente e, apesar de períodos ocasionais de depressão, havia recobrado quase todo o ânimo.

Para o público, pelo menos, ele continuava a ser o mesmo Ralph Cracoft. Mas logo se tornou ainda maior, pois, a despeito de sua condição precária de cego, ele havia mostrado um rosto sorridente para o mundo; ele se reabilitou e continuou a servir à Igreja tão bem quanto antes. Eu tinha orgulho de ambos e estava ansioso por vê-los novamente.

Devia permanecer na casa da missão, nessa última semana, a fim de realizar serviços esporádicos e para ajudar um novo grupo de élderes recém-chegados a aprender as lições e a se acostumar às novas incumbências.

Lembro-me apenas de um deles, agora. Naquela manhã, havia subido ao último andar da casa da missão,

onde deveria entrevistá-lo e ensiná-lo. Durante a hora em que passamos juntos, ele confessou-me que não estivera entusiasmado com a missão, e que, na verdade, inicialmente recusara o chamado. Estivera agitado por pensamentos interiores, sem saber se teria a força para terminar a missão, deixar sua namorada, adiar a universidade por dois anos.

Havia sido um período tenebroso para ele, como ocasionalmente ocorre aos jovens que não têm a coragem — embora o desejem — de cortar os laços que os prendem, sabendo que nada será o mesmo, sabendo que terão que se comprometer a servir durante dois anos ou mais. E a missão não é uma oficina protegida, mas um campo de batalha aberto, devendo-se esperar imprevistos. Mas os triunfos são gloriosos.

Sabendo disso por experiência própria, compartilhei de seus sentimentos e pedi-lhe que me contasse o que o havia feito mudar de idéia, uma vez que lá estava como missionário, em Basel, Suíça.

— Foi uma experiência incomum, lembrou ele. Perturbado pelos pensamentos em tumulto, com dúvidas a respeito de seu futuro, ele foi assistir a uma reunião sacramental na ala de um amigo, alguns meses antes. A reunião estivera rotineira, até que um homem se levantou e com voz firme e resoluta, começou a falar; era um homem que ficara cego depois de adulto. Ele recordou como o Senhor o havia abençoado com uma visão mais profunda das verdades da vida; como sua alma realmente começara a ver; como, em meio à sua aflição, considerada pela maioria das pessoas como terrível, ele podia louvar a seu Deus pelas mais ricas bênçãos que poderia conceder ao homem. O cego contou como servira ao Senhor durante toda a sua vida e como o Senhor o estava abençoando sobremaneira com numerosas oportunidades.

O novo missionário parou de falar, visivelmente emocionado. Esse homem, continuou, o havia inspirado e ele interrogara a si mesmo:

— Se o homem assim, a quem o Senhor tirou o mais precioso dom da visão, pode louvar a Deus por suas bênçãos e prestar testemunho de sua bondade, quem sou eu para impedir que meus débeis dons sejam colocados a seu serviço?

Naquele momento, ele resolveu aceitar o chamado que recusara antes. Foi para casa, telefonou ao bispo e pediu-lhe que escutasse o que o havia feito mudar de idéia.

— Qual era o nome do cego? perguntei.

— Não sei, retrucou ele.

— Eu sei, respondi sorrindo, com olhar embaciado. Eu sei.

A Lei do Jejum

Élder Henry D. Taylor
Assistente do Conselho dos Doze



Em recente reunião, o Presidente Marion G. Romney dirigiu uma mensagem que me impressionou profundamente. Primeiro ele disse: "Tem sido e é desejo e objetivo da Igreja, atualmente, obter, das ofertas de jejum, os fundos necessários para satisfazer às necessidades financeiras do programa de bem-estar." Depois, disse: "Podemos, devemos e precisamos fazer melhor. "Então o irmão Romney deu-nos a confortadora certeza: **"Se dobrarmos nossas ofertas de jejum, alcançaremos maior prosperidade, tanto espiritual quanto temporal. Isto o Senhor prometeu e isto tem sido registrado."**

Há muitos anos atrás, foi escolhido e designado um dia da semana no qual se observaria a lei do jejum. Um detalhe muito importante dessa observância era, e ainda é, a contribuição liberal para o fundo de ofertas de jejum. A norma da Igreja hoje em dia foi estabelecida:

"O primeiro domingo de cada mês é geralmente designado como o dia de jejum e oração, quando uma reunião especial de testemunho é realizada. Deve-se reservar tempo suficiente para a congregação prestar o testemunho..."

"A observância adequada do dia de jejum consiste em abster-se de alimentos e líquidos por duas refeições consecutivas, e, em seguida, comparecer à reunião de jejum e testemunho; consiste também em fazer uma generosa oferta ao bispo, para auxiliar os necessitados. O mínimo da oferta de jejum é o equivalente ao valor de duas refeições." (**General Handbook of Instructions**, 1968, p.40.)

Entretanto, nem sempre o domingo foi reservado para o jejum e testemunhos dentro da Igreja. O Presidente Joseph Fielding Smith forneceu-nos

um relato muito interessante a respeito do desenvolvimento desta lei e princípio. Ele disse:

"O jejum e a oração, na presente dispensação, têm sido observados desde os primórdios. Desde a organização da Igreja, o princípio do jejum, com espírito de oração, tem sido um mandamento do Senhor. (D&C 59:8-13; 88:76, 119.) Com respeito à escolha do dia do mês, temos o testemunho do Presidente Brigham Young, num discurso (proferido) no velho tabernáculo (em) Lago Salgado, no dia 8 de dezembro de 1867.

"O Presidente Young disse: "... Vós sabeis que na primeira quinta-feira de cada mês, observamos ... o dia de jejum. Quantos de vós conheceis a origem desse dia? Antes de se pagar o dízimo, os pobres eram auxiliados através de donativos. Eles procuraram o (Profeta) Joseph ... e pediram auxílio, em Kirtland; ele respondeu que haveria um dia de jejum, o qual seria escolhido. Deveria ser observado uma vez por mês, como é atualmente, e tudo o que seria consumido nesse dia, quer em farinha, carne, manteiga, fruta ou quaisquer outras coisas, seriam levados à reunião de jejum, e entregues nas mãos de uma pessoa escolhida para cuidar dos pobres. Se cumprirmos essa lei com toda a fidelidade (disse o Presidente Young), acham que faltará farinha, manteiga, queijo, carne, açúcar ou qualquer outra coisa aos pobres? Não! haveria muito mais do que poderia ser consumido por todos os pobres que existem entre nós..."

O Presidente Smith então explicou: "O costume de realizar a reunião de jejum na quinta-feira prosseguiu em Nauvoo e também após a chegada dos santos às Montanhas Rochosas. Lembro-me de ocasiões em que certas casas de comércio cerravam suas portas todos os dias de jejum, dependendo um aviso: "Fechado para Jejum..."

"A mudança do dia de jejum para

o primeiro domingo surgiu da seguinte maneira: Hyrum M. Smith, que mais tarde se tornou membro do Conselho dos Doze, fazia missão em Newcastle, Inglaterra, no ano de 1896. Na quinta-feira de jejum, os membros da Igreja daquele país tinham que ser dispensados do trabalho, sem receber paga. Alguns deles trabalhavam em minas de carvão. Saíam das minas, tinham que ir até suas casas para tomar banho e mudar de roupa, o que acarretava grande perda de tempo e dinheiro. Hyrum escreveu a seu pai, o Presidente Joseph F. Smith, e perguntou por que, sob tais circunstâncias, o dia do jejum tinha que ser na quinta-feira, e não num domingo.

O Presidente Smith apresentou a carta à Primeira Presidência e aos apóstolos. O trecho seguinte foi extraído da minuta da reunião do dia 5 de novembro de 1896:

" 'O Presidente Joseph F. Smith apresentou o debate sobre as reuniões de jejum, sugerindo que se mude o dia para o primeiro domingo de cada mês, o que seria muito benéfico. Ele recebeu apoio do Presidente George Q. Cannon e, após ter sido debatido pelos outros irmãos, ficou decidido que os serviços do Tabernáculo seriam dispensados no primeiro domingo de cada mês, e que os santos desta cidade, bem como os das alas do país teriam o privilégio de reunir-se em suas capelas às 14 horas, a fim de observarem o dia do jejum, ' " (**Improvement Era**, dec. 1956, p. 895.)

Além da mudança do dia do jejum e da reunião de testemunhos, outra modificação foi feita. Quando o Profeta Joseph estabeleceu o programa, os santos foram aconselhados a trazer as ofertas das refeições que haviam deixado de ingerir. Subseqüentemente, esse sistema foi alterado, a fim de que os diáconos pudessem visitar mensalmente suas famílias designadas, para receber as ofertas em dinheiro.

Através do jejum e da oração sincera, milagres têm ocorrido. Em 1850, Lorenzo Snow, que mais tarde se tornou presidente da Igreja, trabalhava na Itália como missionário, tentando abrir caminho para a pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Ele era um tanto tímido e inibido, mas espiritualmente era um gigante. Uma família que o havia recebido com amizade, estava com uma criança muito doente. Na verdade, o Élder Snow compreendeu que somente através do jejum e da oração poderosa, com fé inabalável, e através do poder do Sacerdócio é que a criança de três anos seria salva. Ele sabia o quanto a cura daquele corpinho representaria para o povo daquela pequena cidade italiana.

Subiu, juntamente com seu companheiro, para um contraforte dos Alpes perto da cidadezinha, a fim de encontrar um lugar isolado onde, com o espírito de jejum e oração, implorou ardentemente ao Senhor, durante seis longas horas de ansiedade, pelo privilégio de usar o poder divino para curar o menininho. Finalmente ele recebeu a resposta: sim, poderia ter o privilégio.

Como servo humilde do Senhor, desceu a encosta da montanha com a certeza de que a vida da criança moribunda seria poupada. O menino, então, recebeu uma bênção e a promessa de viver. Algumas horas mais tarde, quando o Élder Snow e seu companheiro regressaram à casa daquela família, viram que o menino tinha melhorado sensivelmente e estava convalescendo. Ele compreendeu que o jejum e a oração haviam alcançado o trono de um Pai Celestial benevolente. Ele observou aos pais agradecidos: "O Senhor dos céus fez isto por vocês." (Vide Eliza R. Snow, **Biography of Lorenzo Snow**, pp. 128-29.)

A lei do jejum é certamente um programa inspirado, e sua observância traz muitas virtudes. O Presidente

David O. McKay resumiu-a com estas palavras:

"A palavra **jejum** é usada para significar abstinência voluntária de alimentação. Os historiadores revelam que o costume de jejuar data dos primórdios da história da raça humana...

"Seja qual for a sua origem, é importante notar que várias virtudes são adquiridas com a observância desse costume... Todos os princípios associados ao jejum parecem demonstrar que ele acarreta bem-estar físico, em primeiro lugar: em segundo, o auto-domínio; em terceiro, oportunidade de auxiliar os outros e, finalmente, força espiritual.

"Mas o maior de todos os benefícios (do jejum) é a força espiritual derivada da sujeição do apetite físico à vontade do indivíduo." (Vide David O. McKay, **Gospel Ideals**, Improvement Era 1953, pp. 208-213.)

Um fator extremamente importante com relação ao cumprimento da lei do jejum é o comparecimento à reunião de jejum e testemunho, reconhecendo e expressando gratidão ao nosso Pai Celestial pelas muitas bênçãos.

Parece-me que existem quatro fatores relacionados à observância do dia do jejum, a saber: primeiro, abstinência; segundo, oração; terceiro, testemunho e, finalmente, a contribuição.

Tenho a certeza de que cada um de nós tem necessidade contínua de bênçãos. Um servo dedicado do Senhor, membro da Primeira Presidência, nos revelou a fórmula a qual, se observada, aumentará nossas bênçãos. Permitam-me repetir a promessa inspirada: "Se dobrarmos nossas ofertas de jejum, alcançaremos maior prosperidade, tanto espiritual quanto temporal."

Creio firmemente que o pagamento das ofertas de jejum resulta em ricas bênçãos. E disso testifico em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Os Preparativos para Sua Missão

Presidente A. Theodore Tuttle

do Primeiro Conselho dos Setenta



Jovens, desejo aconselha-los a respeito de suas futuras missões. Já fui rapaz como vocês. Pode parecer-lhes que foi há muito tempo, mas para mim parece que foi ontem. Passei por todos os dias de todos os anos que vocês têm vivido desde aí — e muitos, muitos mais. Também sou pai e tenho tido muitas experiências com jovens durante a minha vida.

Quando o Profeta de Deus declara que chegou a hora de tomarmos maiores providências e aumentar as forças missionárias, agora é o tempo.

Conversei com um rapaz a respeito da missão, e ele disse:

— Não quero ir.

— O que isso tem a ver com o caso? Precisamos de você!

O Presidente Kimball disse que não temos **nem metade** dos missionários necessários. Não podem ver que não importa que queiram ir ou não? Vocês são necessários. Sabem o que quer dizer ser necessário? Os laços da fraternidade se tornarão mais profundos e fortes no campo missionário. Vocês amarão seus companheiros, com quem se ajoelharão diariamente em oração. Aprenderão a

amar o povo a quem estiverem servindo, não importa a nacionalidade ou condição deles. E eles os amarão. Eles os amarão por levarem o Evangelho até eles.

Os conversos sempre se recordam daqueles que os ensinaram. Tenho ouvido muitos deles se referirem quase com reverência “aos nossos missionários.” Imaginem o que significa ter pessoas orando por você. Compreende o que isso significa? Haverá sempre uma influência purificante e refinadora em sua vida.

Muitas pessoas lá fora estão orando pela verdade e você a pode levar-lhes. Atualmente apenas 18.000 estão servindo, mas existem cerca de 60.000, entre a idade de 19 e 25 anos, que não estão. Precisamos de mais, muitos mais. O serviço missionário não é obtido pelo direito de preempção. O casamento não tem precedência, seu emprego não tem prioridade. Seus estudos são interrompidos para cumprir esse chamado. As atividades escolares podem ser programadas de maneira a cumprir os requisitos educacionais e de missão. Alguns de vocês podem ser fisicamente incapazes, mas haverá oportunidades para servirem na própria localidade.

Sua dignidade moral é consideração primeira. Não queremos debilidade de caráter, quando precisamos de força espiritual. Estude! Adquirá alguns lápis coloridos e mantenha-os sempre ao lado do Livro de Mórmon, sublinhando os versículos que são importantes para você. Outro instrumento missionário é um outro idioma além do seu. Estude um. Devemos”, ... familiarizar-nos com ... linguagens, línguas e povos.” (D&C 90:15.)

Aprenda a orar constantemente. Ajoelhe-se de manhã e à noite. Estabeleça boas relações com o Se-

nhor. Como aquele jovem que disse: “Sempre que passo por uma igreja, paro para uma visita; assim, quando for levado pela última vez, num caixão, o Senhor não perguntará: “Quem é ele?”

Lembre-se, os jovens sentem fome, quer sejam missionários ou não, mas principalmente quando são missionários. Aprenda a fritar ovos, a cozinhar macarrão; aprenda a lavar pratos e pregar botão. Isso não é “serviço de mulher” apenas. Você não terá essa espécie de companhia no campo missionário. Se não souber fazer isso, seu companheiro também não deverá saber e, naturalmente, não queremos enviar sua mãe com você.

Certos quartos de missionários não são muito aseados, porque alguns deles não aprenderam a recolher, pendurar, dobrar e guardar. Poderá começar agora, naturalmente, mas vá devagar, para que não assuste sua mãe. Engraxe seus sapatos, passe suas calças, aprenda a lavar e passar os punhos e colarinhos de suas camisas.

A moda é passageira. Felizmente já passou o tempo da moda negligente tipo “hippie”. Vista-se com decência; aprenda desde já a vestir-se de acordo com os padrões da Igreja. Se cortar um pouco o cabelo agora, não terá um choque mais tarde. Isso não somente melhorará sua aparência exterior, mas contribuirá para tocá-lo no íntimo. Em suas tentativas de seguir a moda e parecer à vontade, não ofenda o bom gosto. Quando saímos para adorar ao Senhor, devemos vestir nossas roupas mais limpas, mais bonitas e as melhores. Alguns pais também poderiam aproveitar essas idéias, mas esse será outro sermão.

Para onde irá, na missão? Se for normal, e esperamos que o seja —

na verdade esse é um dos requisitos — você sentirá vontade de ser designado para um país exótico e distante. Ou poderá desejar ir aonde seus pais foram. Isso também é normal. Existem alguns jovens que pensam que há apenas um lugar para ir — onde seus pais foram. Se já prestou atenção, deve ter notado a atitude de seu pai, quando alguém menciona o país onde ele serviu no passado. Ele sempre fica com aquele olhar melancólico e cintilante e tem que tirar os óculos para retirar “não sei o que” que lhe entrou nos olhos. Todo homem merece aquele semblante calmo que adquire só de pensar nos maravilhosos dias em que era missionário. Assim, como já aconteceu a outros, você irá para o lugar que for designado.

Jovem, uma missão fica, atualmente, em Cr\$ 900,00 por mês. Na época em que for, talvez fique ainda mais caro. Isso significa que precisará de vinte ou trinta mil cruzeiros para completar a missão. Alguns de vocês não têm esse dinheiro, mas precisarão consegui-lo. O Senhor o ajudará e a sua família; precisa começar desde cedo. Aconselhe-se com seus pais, comece a trabalhar, e trabalhe duramente, economizando o ordenado. Muitos rapazes se divertem demais, assistindo à televisão e ficando em casa sem fazer nada. Abra conta num banco e economize. Mas aqui vai um conselho: Não desperdice o fundo missionário comprando uma bicicleta, patinetes, conjunto estéreo, discos etc., com a desculpa de que se trata de um “investimento” que poderá ser transformado prontamente em dinheiro, quando chegar a hora de partir. O espírito de sacrifício e a poupança com objetivo são as maiores bênçãos que advêm do serviço missionário. Após ter feito todo o possí-

vel, talvez precise consultar o bispo. Ele poderá apresentar sugestões úteis.

Você estará dois anos mais velho quando regressar de sua missão. Hoje poderá pensar que isso não fará muita diferença. Asseguro que fará — ocorrerão mudanças significativas. Adiar o namoro e o casamento será uma boa medida. Você poderá mudar os padrões, durante o processo. Muitos o fazem — tanto pela escolha **dele**, quanto **dela**.

Embora a missão não garanta um casamento feliz e bem-sucedido, ela estabiliza muitas coisas de sua vida que afetam o matrimônio. Atingir a maturidade enquanto está em missão proporcionará um companheiro melhor para o casamento, em ambos os lados do altar.

Um conselho, jovem, eu o admoesto. Cuidado com a moça que não dá o devido valor à missão; cuidado com a moça que o provoca e tenta, que o desencoraja para a missão. É melhor ser precavido. É esse o tipo de companhia que deseja para a eternidade? Bem faria em terminar logo com esse relacionamento.

Você não é jovem demais para adquirir um testemunho e prestá-lo. Numa conferência de estaca, convidamos uma jovem para fazer uso da palavra; havia acabado de regressar da apresentação em quadro-vivo, na Colina de Cumorah. Ela prestou fervoroso testemunho. Após terminar, convidamos Gary, um rapaz de dezessete anos. Ele pareceu surpreso, quando ouviu seu nome. Levantou-se, mostrando toda a estatura de seu metro e oitenta e dirigiu-se ao púlpito. Suas primeiras palavras foram: “Não sei por que o presidente me chamou. Nem ao menos tenho um testemunho [referindo-se, evidentemente, ao testemunho prestado pela jovem que o precedera]. Durante

vários minutos ele falou sobre o seminário, expressou gratidão por seus familiares e acrescentou: “Sei que o Evangelho é verdadeiro, em nome de Jesus Cristo. Amém”.

Os testemunhos são adquiridos pelo dom e poder do Espírito Santo. Nós os adquirimos quando os prestamos. Aproveite as oportunidades que tiver de prestá-lo, sempre que isso for apropriado. Se desejar um testemunho e se o procurar, tê-lo-á. Você terá oportunidade de prestar o seu testemunho a milhares de pessoas, e isso terá mais efeito sobre elas do que qualquer outra coisa que fizer. É para isso que é chamado — para testificar de que Jesus é o Cristo, que Joseph foi um profeta, que esta Igreja é verdadeira — com um profeta vivo.

Existem milhares de jovens aqui que não são capitães do time de futebol, o orador da turma e o presidente do centro cívico, tudo ao mesmo tempo. Socialmente, sentem-se ineptos, suas notas não são assim tão boas, e ficam-se perguntando se estão qualificados para servir em missão. Jovem, implante em seu coração o desejo de servir ao Senhor e de pregar o Evangelho: “pois sei que ele concede aos homens segundo os seus desejos, sejam estes para a morte ou para a vida.” (Alma 29:4.) Sei que esta promessa é verdadeira. Ele conhece você; ele precisa de você; talvez não possua todas as qualidades que gostaria de possuir, mas tem potencial. Alguns de vocês têm cometido erros, alguns possuem hábitos pessoais desagradáveis. Converse com o Senhor a esse respeito, hoje à noite. Se estiver muito perturbado, converse com seu pai; talvez tenha que procurar o bispo. Endireite os seus caminhos agora.

Os maiores missionários da Igreja

foram homens humildes — homens que pagaram o preço do trabalho honesto, que viveram perto do Senhor e confiaram nele. Você também pode ser contado entre eles. Decida hoje à noite.

Imagine-se de pé, dentro da fonte batismal, com seu converso, elevando o braço em ângulo reto, proferindo as palavras: "Tendo sido comis-

sionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo." (D&C 20:73.)

Você pode cruzar em primeiro a linha de chegada, descer a montanha com os esquis, ou encestar a bola. Pode fazer tudo isso e emocionar-se com muitas outras coisas. Mas experimentará poucos sentimentos iguais ao momento calmo e como-

vente em que registrar em seu diário: "Batizamos hoje o Sr. e Sra. Silveira, com todos os seus filhos." São uma família maravilhosa."

Sei que Deus vive. Sei que Jesus é o Cristo. Sei que Joseph Smith foi um profeta. Sei que o Presidente Spencer W Kimball é o profeta vivo no mundo atual, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Nossas Preciosas Famílias

Presidente Loren C. Dunn
Do Primeiro Conselho dos Setenta



Que maravilhoso espírito de paz o Coro do Tabernáculo estabeleceu com o último hino. É uma honra estar presente a esta conferência, nesta manhã, meus irmãos e irmãs, a fim de receber instruções e direção do profeta de Deus. Presto testemunho de que o Presidente Kimball é um profeta de Deus, que é o administrador legal do Senhor sobre a terra, atualmente, e que aqueles que seguirem as instruções e conselho que ele nos tem dado esta manhã chegarão a conhecer, por experiência própria, que aquilo que nos disse é bom para fortalecer e enobrecer a humanidade. O Presidente Spencer W. Kimball é um profeta de Deus.

Gostaria de utilizar, como chave para minhas observações, uma citação que o Presidente Kimball fez há algum tempo, cujo tema tornou a mencionar nesta manhã. Ele disse: "Esta nação está construída sobre o alicerce de seus lares, e o lar, alicerçado sobre suas famílias."

A família — mãe, pai e filhos — é a mais antiga de todas as instituições e representa o próprio alicerce

de nossa civilização. Não pode existir nada mais precioso e eterno do que a família. É óbvio que existe a necessidade de se enobrecer o papel dos pais no ambiente familiar.

Lembro-me de haver feito, há alguns anos, uma viagem de negócios ao leste do Canadá, em companhia de grande número de negociantes e líderes municipais. Após tratarmos dos negócios, durante o dia, fomos jantar juntos; durante o decorrer do jantar e após ele, quando todos começaram a ficar à vontade e a se conhecerem melhor, um dos presentes, sem motivo aparente, começou a falar sobre seu filho, a quem, era óbvio, amava muito. Mesmo assim, existia conflito entre eles, e até mesmo um pouco de alienação, e ele não tinha muita certeza quanto ao que deveria fazer, se é que na verdade havia alguma coisa a ser feita.

O comentário deu origem a reações semelhantes da parte dos outros que estavam sentados ao redor da mesa. Podia-se perceber que não estavam acostumados a conversar sobre isso, mas cada um deles estava preocupado com algum aspecto de sua vida familiar, que se associava principalmente com os filhos.

Embora vivamos numa era de transições, creio que os pais estão tão ansiosos e preocupados com seus filhos como sempre estiveram. Se a família é a unidade alicerçadora da sociedade, talvez então seja necessário reafirmar alguns princípios básicos.

O primeiro é que os pais reconhecem que têm o direito de estruturar as atitudes e conduta de seus filhos — não apenas o direito, mas a responsabilidade.

O segundo, é que o princípio do trabalho, do trabalho moral, bem entendido, seja ensinado pelos pais no ambiente familiar. Em que outro local a dignidade do trabalho deve ser ensinada, senão no lar?

E, terceiro, os pais têm o direito de estabelecer o caráter moral e es-

piritual na família, a fim de ajudar os familiares a compreenderem a importância de cumprir os princípios divinos como meio de alcançar a paz de espírito e a realização.

Primeiro, então, o direito dos pais de estruturar as atitudes e comportamento de seus filhos. Fundamentalmente este é um direito divino. Deus disse, com referência a Abraão, que ele certamente virá a ser uma grande e poderosa nação . . . porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor, para obrarem com justiça e juízo." (Gênesis 18:18-19.) Deus pôde tornar Abraão chefe de numerosa posteridade, porque era fiel nos ensinamentos aos seus filhos.

Existem alguns indivíduos, no mundo, que poderiam dizer que essa influência dos pais é repressiva e tira a liberdade dos filhos, mas exatamente o contrário que é verdadeiro. Um grupo de garotas estava conversando a respeito dos pais de uma de suas amigas. Demonstrando maturidade superior à que se poderia esperar, por sua idade, uma delas disse: "Seus pais não a amam; permitem que faça tudo o que quer." As outras concordaram.

Num artigo do New York Times Magazine, mais tarde condensado no Seleções do Reader's Digest, William V. Shannon faz os seguintes comentários: "Os filhos americanos — estão sofrendo com o grande fracasso dos pais. Por suas palavras e ações (diz ele), muitos pais e mães estão deixando patente que estão quase que paralisados pela incerteza. . . Muitos deles estão em conflito, sem saber quais são seus próprios valores. Outros pensam que sabem quais são mas falta-lhes confiança para impor disciplina em favor desses valores. . ."

O que lhes falta, diz ele, não são maiores informações a respeito do desenvolvimento da criança, mas **convicção**. Embora a hereditariedade

desempenhe sua parte no desenvolvimento da criança, a influência maior "depende de se os pais se preocupam o suficiente com seus filhos, a ponto de declarar e defender os valores necessários." O autor também diz que, tanto a mãe quanto o pai devem impor responsabilidades aos familiares. "Criar nossos filhos é a mais importante tarefa que qualquer um de nós jamais realizará."

Ele também diz que "os pais que não perseveraram na educação dos filhos de acordo com suas próprias convicções, não os estão deixando 'livres' para se desenvolverem sozinhos, mas estão permitindo que outros filhos e principalmente os meios de comunicação, por exemplo, a televisão e o cinema, façam o trabalho." (William V. Shannon, "What Code of Values Can We Teach Our Children?" Reader's Digest, maio de 1972, pp.187-88.)

O maior princípio a ser ensinado no ambiente familiar é o amor. Se os pais influenciarem, dirigirem perseverarem com amor, então os familiares farão desse princípio uma parte de suas ações. O princípio do amor pode desfazer quaisquer erros que os pais cometerem ao educar os filhos. Mas o amor não deve ser confundido com falta de convicção.

Em segundo lugar, que o princípio do trabalho seja ensinado na família e no ambiente do lar. Existem evidências para apoiar o fato de que, pelo menos nos Estados Unidos da América, os problemas de "stress" e tensão poderiam ser vinculados a um número gradativamente decrescente de horas de trabalho não sedentário. A sugestão é que é o tempo livre e não o trabalho que causa a maior parte do "stress" e tensão no indivíduo.

Morávamos num pequeno vilarejo, quando meu pai viu a necessidade de ensinar a mim e meu irmão o princípio do trabalho. Como resultado desse pensamento, deu-nos responsabilidade numa pequena fazenda nas cercanias da cidade onde ele havia

crescido. Ele dirigia o jornal da cidade, de modo que não dispunha de muito tempo para passar conosco, com exceção das primeiras horas da manhã e à noite. Era uma tremenda responsabilidade para dois adolescentes, e às vezes cometíamos erros.

Nossa pequena fazenda era cercada por outras, e um dos fazendeiros vizinhos procurou meu pai, certo dia, a fim de contar-lhe as coisas erradas que estávamos fazendo. Meu pai prestou atenção a ele, e em seguida respondeu:

— Jim, você não compreende. Sabe, estou criando rapazes, e não vacas.

Após a morte de meu pai, Jim contou-nos esse incidente. Como me senti grato ao meu pai, que resolveu criar rapazes, e não vacas. Apesar dos nossos erros, aprendemos a trabalhar naquela pequena fazenda e creio que, embora não o dissessem com muitas palavras, sempre sabemos que éramos mais importantes para mamãe e papai do que as vacas. Ou, por esse mesmo motivo, do que qualquer outra coisa.

Em todos os lares, todos os membros da família podem ter responsabilidades a seu cargo, as quais estarão de acordo com sua capacidade realizadora e, ao mesmo tempo, aprender a satisfação e a dignidade do trabalho.

O terceiro ponto é que os pais têm o direito de ensinar os princípios morais e espirituais a seus filhos. Permitam-me citar as seguintes Escrituras modernas, relacionadas a isso:

“E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.” (D&C 68:25.)

Em seu primeiro discurso ao Congresso norte-americano, o Presidente Gerald Ford declarou esta verdade universal: “Se pudermos fazer uso efetivo . . . da moral e da sabedoria ética dos séculos, na complexa sociedade atual, evitaremos mais crimes e corrupção do que todos os policiais e promotores. . . jamais poderão impedir.” Então ele acrescentou: “Esta é uma tarefa que precisa ser iniciada no lar, e não no governo.” (*Christian Science Monitor*, 28 agosto 1974.)

No artigo mencionado anteriormente, o Sr. Shannon afirma: “Nada conseguiu invalidar a sabedoria moral duramente conquistada pela humanidade desde os tempos bíblicos. Matar, roubar, mentir ou cobiçar as posses de outra pessoa ainda levam aos vários graus de miséria humana, tanto a vítima quanto o perpetrador. . . ‘Não cometerás adultério’ pode parecer antiquado, mas, se codificado em termos contemporâneos — ‘Não destrua a vida familiar de outra pessoa — ainda transmite uma mensagem digna’.

Ele também aponta as virtudes do despreendimento e da prelibação. À medida que os adolescentes mais velhos aprendem sobre o sexo, diz ele, não acarretaria prejuízo algum se fizessem uso do auto-domínio.

“Podemos suportar uma certa quantidade de frustrações e tensão — com bons efeitos. Somente os americanos modernos, “prossegue ele,” consideram a frustração como doença mais grave do que a cólera, na escala das aflições humanas.” (*Reader's Digest*, maio de 1972, pp.189-90.)

Esses são apenas três princípios que devem ser salientados no ambiente do lar e da família

A pergunta seguinte é: Como os pais conseguem realizar isso? Para os membros da Igreja, é na reunião familiar que tem início o treinamento e a comunicação. A noite de segunda-feira é designada à família, e nada interfere. O pai lidera, mas

os outros familiares fazem preparativos e participam. Tudo o que é feito e dito depende das necessidades da família em particular. A Igreja publica manuais de orientação, para auxiliar os pais a ensinarem princípios morais e religiosos aos familiares, e ajudá-los na aplicação em sua vida diária.

Para os pais não membros, que estejam interessados em iniciar algum tipo de atividade semelhante, a Igreja também oferece auxílio especial. Perto de vocês, existem missionários de tempo integral e missionários de estaca, os quais foram treinados para ensinar a realizar reuniões familiares. Eles terão prazer em demonstrar esse programa em seus lares, sem qualquer compromisso. Este é um serviço d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a qual está preparada para oferecê-lo às famílias de qualquer parte do mundo. A única coisa que pedimos é que toda a família esteja presente, principalmente o pai ou o chefe da família, uma vez que ele é a chave do programa.

Esses missionários, naturalmente, também estão preparados para ensinar os princípios do Evangelho de Jesus Cristo aos familiares, em visitas subsequentes. Mas, caso não queiram prosseguir, caberá a vocês a decisão. Ao menos terão um programa que várias pessoas que não pertencem à Igreja já adotaram, por ser benéfico para a família e para o lar.

Alguns líderes de empresas também consideraram o programa de reuniões familiares e o recomendaram aos seus empregados. Quando tudo está bem dentro do lar, a produção do empregado é maior.

Que o Senhor possa abençoar os pais de família, para que compreendamos nosso direito de ajudar a moldar as vidas de nossos filhos, de ensinar a dignidade do trabalho e de estabelecer princípios morais e religiosos dentro do lar, oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sejam Valentes na Luta pela Fé

Elder Bruce R. McConkie

Do Conselho dos Doze



Escrito pelas mãos de Paulo, temos este desafio:

"Mas tu, ó homem de Deus, ... segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão.

"Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna." (I Timóteo 6:11-12.

Assim escreveu nosso companheiro de apostolado àqueles que tinham aceitado o Filho de Deus como Salvador, àqueles que haviam tomado o jugo de Cristo, os quais haviam feito convênios com ele nas águas do batismo, comprometendo-se a servi-lo e a guardar seus mandamentos. Assim dizemos também àqueles que, de maneira semelhante, nos dias atuais tomaram sobre si mesmos o nome de Cristo e se juntaram à causa da verdade e da justiça: Sejam valentes. Combatam o bom combate. Permaneçam fiéis. Guardem os mandamentos. Vençam o mundo.

Falando de si mesmo e da grande luta com o mundo, a qual havia vencido, Paulo escreveu:

"Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé:

Desde agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda." (II Timóteo 4:7-8.)

Como membros da Igreja, estamos envolvidos em um conflito poderoso. Estamos em guerra. Fomos alistados na causa de Cristo, a fim de lutar-mos contra Lúcifer e tudo o que é concupiscente, carnal e pernicioso que existe no mundo. Juramos combater ao lado de nossos amigos e contra os inimigos e não podemos confundir-nos, na tarefa de distinguí-los. Assim como escreveu outro companheiro de apostolado, na antigüidade: "não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus." (Tiago 4:4.)

A grande guerra que surge em ambos os lados e que, infelizmente está resultando em muitas calamidades, algumas das quais fatais, não é novidade. Houve guerra até mesmo nos céus, quando as forças do mal procuraram destruir o livre arbítrio do homem, e quando Lúcifer tentou liderar-nos, afastando-nos do caminho do progresso e aperfeiçoamento estabelecido por um Pai sábio.

Essa guerra prossegue na terra, e o demônio ainda está irado contra a Igreja e "foi fazer guerra ao resto de sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo." (Apoc. 12:17.)

E continua agora como sempre tem sido. Os santos só podem vencê-lo e às suas forças, "pelo sangue do Cordeiro, ... pela palavra do seu testemunho", e porque não amaram as suas vidas até à morte." (Apoc. 12:11.)

Não podem existir Indivíduos neutros nesta guerra. Todos os membros da Igreja se colocam de um lado ou de outro. Os soldados que empreendem a luta nessa batalha sairão, com Paulo, vitoriosos, e ganharão a "coroa da justiça", ou então, na linguagem de Paulo, "padeirão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder," naquele dia em que ele vier tomar "vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo." (Tess. 1:9,8.)

Nesta guerra, todos aqueles que não lutam com coragem e intrepidez, estão, por esse motivo, ajudando a causa do inimigo. "Os que não estiverem comigo estarão contra mim, diz o nosso Deus." (2 Néfi 10:16.)

Somos pela Igreja ou contra ela. Tomamos seu partido ou aceitamos as conseqüências. Não poderemos sobreviver espiritualmente, com um pé na Igreja e outro no mundo; precisamos fazer a escolha: ou a Igreja ou o mundo. Não existe meio-termo, e o Senhor ama o corajoso que luta aberta e intrepidamente em suas fileiras.

Ele disse a alguns membros de sua Igreja na antigüidade:

"Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente!

"Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca." (Apoc. 3:15,16.) Os patriotas e os santos que só são co-

rajosos quando as circunstâncias são favoráveis, recuam quando o clamor da batalha os ameaça. Eles não ganharão a coroa de conquistador; foram vencidos pelo mundo.

Os membros da Igreja que têm testemunho e que vivem uma vida limpa e reta, mas que não são corajosos e valorosos, não ganharão o reino celestial, mas sim a morada terrestre. Sobre eles a revelação diz: "Estes são os que não são valentes no testemunho de Jesus; portanto, não obtêm a coroa do reino de nosso Deus." (D&C 76:79.)

Como Jesus disse: "Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus." (Lucas 9:62.)

O que é testemunho de Jesus? E o que precisamos fazer para nos tornarmos valentes?

"Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor", escreveu Paulo a Timóteo. "...antes participa das aflições do Evangelho segundo o poder de Deus." (2 Tim. 1:8.) E a João, o Amado, ele deu a seguinte mensagem: "o testemunho de Jesus é o espírito de profecia." (Apoc. 19:10.)

O testemunho de nosso Senhor! O testemunho de Jesus! Que glorioso e prodigioso conceito! Ele abre a porta para a glória e honra com o Pai e com o Filho, para todo o sempre! O testemunho de Jesus é acreditar em Cristo, receber seu Evangelho e viver segundo sua lei.

Jesus é o Senhor. É o próprio Filho de Deus, que veio ao mundo para libertar os mortais, da morte temporal e espiritual, conseqüência da queda de Adão. Jesus nos comprou com seu sangue. Ele é a ressurreição e a vida. Ele "aboluiu a morte, e trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo Evangelho." (2 Tim. 1:10.) Ele é nosso Salvador, nosso Redentor, nosso Mediador com o Pai: "Há um só Deus, e um só Mediador entre

Deus e os homens, Jesus Cristo homem." (1 Tim. 2:5.)

A salvação está em Cristo. Ele é o único nome dado abaixo dos céus através do qual esse dom precioso pode ser obtido. Sem ele, não poderia haver ressurreição, e toda a humanidade estaria perdida para sempre. Sem ele, não haveria vida eterna, ninguém retornaria à presença de um Pai bondoso, não haveria tronos celestiais para os santos.

Língua alguma pode revelar, mente alguma pode imaginar e coração algum pode conceber tudo o que temos por causa dele. "Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças." (Apoc. 5:12.)

Não pode haver testemunho perfeito da divina Filiação de Cristo, e de sua bondade redentora, a menos e até que recebamos a plenitude de seu Evangelho eterno. O testemunho do Evangelho é obtido por revelação do Espírito Santo. Quando este fala ao espírito que está em nosso íntimo, sabemos com absoluta convicção sobre a veracidade da mensagem revelada.

Ter testemunho é saber por revelação que Jesus é o Cristo, que Joseph Smith e seus sucessores são reveladores do conhecimento de Cristo e da salvação de nossos dias; que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o reino de Deus na terra, o único lugar onde se pode encontrar a salvação.

O testemunho de Jesus é o espírito da profecia. É um dom do Espírito. Só é dado completamente aos membros fiéis da Igreja. Está reservado àqueles que têm o direito de usufruir constantemente da companhia do Espírito Santo. É o "endowment" espiritual que designa um homem como profeta, em cumprimento à oração de Moisés: "Oxalá que todo o povo do Senhor fosse



profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!" (Num. 11:29.)

O que significa ser valente no testemunho de Jesus?

Significa ser corajoso e intrépido; usar de toda a força, energia e capacidade na luta com o mundo: combater o bom combate da fé. "Esforça-te e tem bom ânimo", ordenou o Senhor a Josué e, em seguida, especificou que a força e o ânimo consistiam em meditar e cumprir tudo o que estivesse escrito na lei do Senhor. (Vide Josué 1:6-9.) A grande pedra angular da coragem, na causa da justiça, é a obediência a toda a lei e a todo o Evangelho.

Ser valente no testemunho de Jesus é vir "a Cristo, sede perfeitos nele"; significa negar-nos a "todas as impurezas" e amarmos a Deus, com todo o nosso "poder, mente e força." (Morôni 10:32.)

Ser valente no testemunho de Jesus significa crer em Cristo e em seu Evangelho, com convicção inabalável. Significa conhecer a veracidade e a divindade do trabalho do Senhor na terra.

Mas isso não é tudo; é preciso mais do que crer e conhecer. Precisamos ser praticantes da palavra, e não somente ouvintes. Significa

mais do que dizer em palavras; não é simplesmente confessar com os lábios que o Salvador é Filho de Deus. É, sim, a obediência, submissão e justiça. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus." (Mat. 7:21.)

Ser valente no testemunho de Jesus é "prosseguir para a frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandescente e amor a Deus e a todos os homens." Significa perseverar até o fim. (2 Néfi 31:20.)

Significa viver nossa religião, praticar o que pregamos, guardar os mandamentos. É a manifestação da "religião pura" na vida dos homens; significa "visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações", guardando-nos "da corrupção do mundo." (Tiago 1:27.)

Ser valente no testemunho de Jesus é refrear nossas paixões, controlar nossos apetites, sobrepujar as coisas carnis e diabólicas. É vencer o mundo como fez aquele que é o nosso protótipo e aquele que foi o mais valente de todos os filhos de nosso Pai. É ser moralmente limpo, pagar os dívidos e ofertas, guardar o dia do Sábado, orar com plenos propósitos de coração, sacrificar tudo, se assim nos for pedido.

Ser valente no testemunho de Cristo é permanecer ao lado do Senhor em tudo. É votar como ele votaria; é pensar como ele pensaria, acreditar como ele acreditaria, dizer o que ele diria, fazer o que ele faria na mesma situação. É ter a mente de Cristo e ser um com ele, como ele é um com o Pai.

Nossa doutrina é clara; sua aplicação às vezes parece ser mais difícil. Um pouco de introspecção seria útil, como por exemplo:

Sou valente no testemunho de Cristo, se meu principal interesse

pela vida é acumular tesouros na terra, ao invés de edificar o reino?

Sou valente, se possuo mais bens do que minhas necessidades requeiram e não retiro do excedente nenhuma contribuição para o trabalho missionário, construção de templos e auxílio aos necessitados?

Sou valente, se minha ligação com a Igreja e suas doutrinas é puramente intelectual, se me preocupo mais em manter um diálogo a respeito deste ou daquele ponto, do que em ganhar experiência espiritual e individual?

Sou valente, se me preocupo acima de tudo com a posição da Igreja, ou a respeito de quem pode ou não receber o Sacerdócio, achando que já é tempo de uma nova revelação sobre essa doutrina?

Sou valente, se passo o fim-de-semana velejando, ou numa casa de campo, ocupado em atividades recreativas, que me afastam das responsabilidades espirituais?

Sou valente, se me ocupo de jogos, filmes pornográficos, se faço compras no domingo, se me visto sem modéstia ou se pratico as coisas que são o meio de vida aceito pelas pessoas frívolas?

Se quisermos alcançar a salvação, precisamos primeiramente procurar as coisas do Reino de Deus. Precisamos ter conosco o Reino de Deus ou nada mais. Saiamos das trevas; nossa é a maravilhosa luz de Cristo. Precisamos caminhar nessa luz.

Não pretendo ser adivinho, mas tenho um forte pressentimento que as coisas não vão melhorar neste mundo. Vão ficar ainda piores, até a vinda do Filho do Homem, o que será o fim do mundo, quando os iníquos serão destruídos.

Creio que o mundo vai piorar e que pelo menos os membros fiéis da Igreja terão que melhorar. Está chegando o dia e ele está mais próximo do que nunca, em que teremos

por obrigação efetuar uma escolha, defendendo a Igreja, aderindo aos seus preceitos, ensinamentos e princípios, aceitando o conselho dos apóstolos e profetas de Deus, escolhidos para ensinar a doutrina e pregar testemunho ao mundo. Aproxima-se o dia em que isso será mais necessário do que nunca em nossos dias ou em qualquer outra dispensação.

Este é o trabalho do Senhor. É o trabalho de Deus. São os assuntos de nosso Pai, cuja mão está neles. Não existe nada neste mundo que se compare, em importância, ao Evangelho do Senhor Jesus Cristo. É o poder de Deus para a salvação e, se caminhar, vivermos, se nos movermos, respirarmos e pensarmos no Evangelho e em sua causa, para todo o sempre, teremos, então, paz, alegria e felicidade nesta vida, e poderemos buscar a glória eterna na vida futura.

Ensinamos e testificamos. Ensinamos hoje princípios de verdade eterna; e, sempre que ensinamos pelo poder do Espírito Santo, temos por prerrogativa prestar testemunho de que as doutrinas que proclamamos são verdadeiras e que, se a humanidade obedecer a elas e viver de acordo com elas, todas as bênçãos que um Pai bondoso deseja conferir serão suas.

Presto testemunho da verdade das doutrinas que têm sido proclamadas e testifico novamente que Jesus é o Senhor, que a salvação está nele, que ele é o único nome abaixo dos céus pelo qual poderemos ser salvos no Reino de Deus.

Que Deus lhes conceda sabedoria, amplitude, determinação, valentia e coragem para lutar bravamente em suas fileiras, e estejam, como o Presidente George Albert Smith tão pitorescamente expressou: "na fila do Senhor." Em nome de Jesus Cristo. Amém.



Por Que Não Agora?

Elder Neal A. Maxwell

Assistente do Conselho dos Doze

Irmãos e irmãs, gostaria de discorrer a respeito de um grupo particular de importantes indivíduos e dirigir-me também a eles. Trata-se daqueles que pretendem, algum dia, começar a acreditar e/ou ser ativos na Igreja, mas ainda não! Não se trata de más pessoas, mas de bons indivíduos que simplesmente não sabem o quão melhor podem ser. Sempre estão próximos da Igreja — mas não participam integralmente. Não entram na capela, mas não saem da varanda. São aqueles que precisam da Igreja e dos quais ela precisa, mas que, em parte, “vivem no mundo, afastados de Deus.”

Dirijo-me a esses indivíduos no convite rápido, mas súplice que se segue, para que tenham certeza de que existe um apelo real para a sua integração e uma necessidade genuína de suas forças únicas.

Existem razões para que se comprometam agora, pois, à medida que se escoam as horas, dias e meses, a vontade de comprometer-se enfraquece. Os eventos que serão breve-

mente divulgados neste planeta diminuirão as opções dos indivíduos “mornos”, pois os sinais previstos por Jesus são irrefreáveis.

Se, entretanto, você realmente não deseja comprometer-se **agora**, deixe-me aconselhá-lo quanto ao seguinte:

Não olhe muito profundamente nos olhos daqueles que só procuram prazeres, pois, se o fizer, notará certa tristeza no sensualismo, e ouvirá artificialidade no riso do devasso.

Tampouco procure com muito afã os motivos daqueles que negam a Deus, pois poderá notar que têm dúvidas quanto à dúvida.

Não se arrisque a pensar nas coisas inconcebíveis, para que não se veja atraído forte e poderosamente à realidade de que Deus existe, que o ama e que, finalmente, não pode fugir dele nem de seu amor.

Não pense muito profundamente a respeito das coisas que está ensinando aos seus familiares, pois aqui-lo que considera simples indiferença com relação ao Cristianismo, pode-

rá representar, para seus filhos, hostilidade; as coisas que não defende, seus filhos poderão rejeitar com indignação.

Não reflita sobre a viabilidade dos padrões do Evangelho, como por exemplo da abstinência do álcool, pois, se o fizer, será submerso por toda uma maré de estatísticas provando que a abstinência é definitivamente a única cura para o alcoolismo, por ser tanto preventiva quanto redentora. Notará também que viver um dos princípios preventivos do Evangelho é melhor do que milhares de programas governamentais para remediar o mal — freqüentemente significam o mesmo que “pôr em ordem o convés de um navio que está afundando.”

Não pense demais, tampouco, a respeito das outras doutrinas, como a importância do amor no lar, porque, se levar muito tempo considerando-a — num mundo cheio de órfãos de pais vivos — será dominado pela realidade que fará tremer-lhe o queixo.

Tampouco pense na doutrina de que é um filho de Deus, pois, se o fizer, dará início ao próprio processo da dependência.

Não se atreva a ler o Livro de Mórmon seriamente, ou poderá verificar, de repente, que está impregnado de episódios incrivelmente importantes de um milênio de história sagrada!

Não sobrecarregue demais a bagagem que pretende levar quando partir deste mundo, pois simplesmente não podemos passar pela alfândega celeste com bagagem mortal; somente as coisas eternas serão liberadas.

Não ore, pois receberá resposta de um Pai atento e afetuoso.

Não pense demais tampouco, na possibilidade de haver profetas vivos no mundo de hoje. Pense, ao invés disso, em como eles parecem comuns, sob vários aspectos. Esqueça-se de que houve profetas que foram pescadores e armadores de tendas — suficientemente comuns para mal serem notados — **exceto** pelas coisas que disseram e fizeram! Pois os ventos da tribulação, que apagam a chama das velas do comprometimento de muitos homens, apenas avivam o fogo da fé possuída por esses homens especiais.

Não se permita refletir demais a respeito dos previsores sociais, políticos e econômicos que indicam a tempestade iminente, para que não compreenda que existe uma conexão inseparável entre o cumprimento dos mandamentos e o bem-estar da sociedade.

Não leia as palavras que os mais santos habitantes deste planeta dis-

seram a respeito da necessidade de certas ordenanças, ou verá que ele não permitiu exceções, inclusive no tocante a si próprio.

Não busque as Escrituras, a fim de certificar-se de que as boas pessoas precisam da Igreja, pois o ser mais perfeito que já habitou a terra organizou a Igreja — porque a bondade individual e fortuita não é suficiente na luta contra o mal.

Se tiver sido ofendido, lembre-se de que, embora possa ter-se melindrado com as coisas que acabo de dizer, precisava ouvi-las muito antes de eu as ter proferido.

Não seja totalmente honesto com respeito à hipocrisia daqueles que, na Igreja, pretendem ser melhores do que são, ou logo compreenderá que existe também uma outra forma de hipocrisia — parecer **menos** comprometido do que realmente é!

Sim, irmãos e irmãs, é melhor evitar essas coisas, se desejarem continuar no adiamento da decisão sobre Cristo e sua Igreja.

Entretanto, Josué não disse “escolher no próximo ano a quem servirá; ele falou em escolher “hoje”, enquanto ainda há luz do dia, e enquanto as trevas não se tornam cada vez mais habituais. (Vide Josué 24: 15.)

As Escrituras registram que, quando Jesus chamou seus primeiros discípulos, eles abandonaram seus barcos e redes imediatamente. Eles não pediram permissão ao Mestre para segui-lo **depois** da estação da pesca; nem ao menos tardaram em responder, a fim de haver tempo

para apanhar mais um peixe. Eles abandonaram tudo imediatamente. (Vide Mat. 4:20.)

Ajam, irmãos e irmãs, pois enquanto a alma ainda estiver inclinada para a crença, e enquanto ainda restar o desejo de crer, coisas maravilhosas começam a surgir! Assim que deixamos a varanda e entramos pela porta da Igreja, não somente ouvimos melhor os hinos — tornamo-nos parte deles.

Ajam agora, a fim de que, daqui a mil anos, quando olharem para trás, possam dizer que este foi o momento que importou — foi um dia de resolução.

Nunca se preocupem, contudo, se fizerem um investimento de si mesmos e do tempo, em inatividade. Nunca se preocupem por terem acumulado o orgulho que tornará difícil reconhecer que têm estado errados, pois nunca mais será tão fácil quanto agora.

Todos precisam conhecer aquele sentimento associado a um coração quebrantado e um espírito contrito — através do qual somos purificados pelo fogo de uma chama especial, a fim de que possamos, daqui por diante, ter um amor mais puro e maior capacidade de servir, tanto a Deus quanto aos homens. Os corações “fixos nas coisas deste mundo” são tão duros, que precisam primeiramente ser quebrantados.

Na verdade, um dos jogos* mais cruéis que um indivíduo pode jogar consigo mesmo é o jogo do “ainda não” — pecar só mais um pouquinho, antes de se regenerar; gozar um

pouco mais das adulações do mundo, antes de se afastar dos aplausos; ganhar só um pouco mais na absorvente loteria do materialismo; ser casto, mais tarde; ser bom vizinho, mas não agora. Podemos manobrar as emoções da hesitação e da reserva por todo esse tempo, mas depois, temos que enfrentar aquele momento especial — o momento em que os sentimentos calados encontram voz para clamar em lágrimas: "Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade." (Marcos 9:24)

A verdade é que o "ainda não" significa, geralmente, "nunca." É tolice tentar fugir da responsabilidade de decidir-se a respeito de Cristo. Pilatos procurou fugir à responsabilidade de decidir sobre a vida do Salvador; mas nunca suas mãos estiveram mais sujas como após tê-las lavado.

O passado de cada um de nós é inflexível. Precisamos concentrar-nos naquilo que foi denominado "presente santificado", pois o "agora" é sagrado; não vivemos no futuro; o san-

to dom da vida sempre toma a forma de presente. Além disso, Deus nos pede que ab-roguemos agora somente as coisas que, se praticadas, poderão destruir-nos!

E, quando nos libertamos do embaraço do mundo, receberemos a promessa de uma religião fácil, de um paraíso de alegrias? Não! Receberemos a promessa de lágrimas, tribulações e trabalho! Mas receberemos também a promessa do triunfo final, a contemplação pura das coisas que fazem vibrar a alma.

Amigos, existem pegadas para seguirmos no caminho que desejamos tomar — feitas não por um líder que, de lugar seguro, aponta: "Vá por ali", mas por um líder que mostrou: "Vem, segue-me." E o nosso líder mortal é um profeta que mostra como acertamos o passo.

Sim, não perguntem àqueles que permanecem no saguão ou na varanda da Igreja "por quem os sinos do-gram; eles dogram por ti." (John Sonne, **Devotions upon Emergent Occasions**, Meditation XVII.)

E, se achar que um dia todos os joelhos se curvarão e todas as línguas confessarão que Jesus Cristo é o Senhor, por que não fazê-lo agora? Sim, pois, pode acontecer que, na hora dessa confissão em massa, significará muito menos ajoelhar-se, simplesmente porque não é mais possível ficar de pé!

Nesse meio tempo, que possamos ser diferentes, a fim de fazermos uma diferença no mundo. E que Deus possa apressar a chegada desse dia, para o bem de todos, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.





Conhecer a Deus

Élder Howard W. Hunter
Do Conselho dos Doze

Esta é a época do ano em que nos reunimos para a conferência geral da Igreja, neste maravilhoso e histórico Tabernáculo, erigido pelos pioneiros e desbravadores num vale que, então, era um deserto nas inexploradas montanhas do oeste. Afluíram para esta conferência pessoas do mundo todo — de muitos, muitos países. É glorioso contemplar essa enorme assembléia. Alguns estão com fones de ouvido, que transmitem os pronunciamentos em suas próprias línguas. Embora estejamos discursando em inglês, tudo o que é dito aqui é traduzido simultaneamente para os que falam outros idiomas, proporcionando, assim, comunhão de pensamento.

Não teria sido possível, há alguns anos atrás, a comunicação simultânea com uma congregação heterogênea em matéria de idioma, nem teria sido possível deslocar-se dos pontos mais distantes do mundo em questão de horas, das poucas horas que levamos para chegar até aqui. Nós nos maravilhamos com as facilidades modernas e com o avanço da ciência, em nossos dias. O homem, em sua luta pela realização, está descobrindo coisas que até poucos anos eram

desconhecidas, e está-se tornando senhor dos elementos da terra e das forças da natureza.

O rápido avanço da ciência, colocando em uso as descobertas do mundo moderno, atordoa a mente humana, mesmo que saibamos que é resultado da aplicação da lei natural — da lei de Deus. Muitos desenvolvimentos científicos modernos parecem miraculosos e incríveis, ultrapassando muitos dos milagres mencionados nas páginas do Velho e do Novo Testamentos. Não importa o quão maravilhosas essas modernas descobertas possam parecer, elas logo caem no uso diário, transformando-se em lugares-comuns.

O conhecimento humano cresceu rapidamente, e a pesquisa científica tem-se acelerado em proporções nunca antes conhecidas em toda a história da humanidade. Isso se deve ao esforço concentrado da parte de negociantes, industriais, governo e instituições educacionais. Grande parte da riqueza e das rendas do mundo é empregada para esse propósito, e centenas de milhares de homens e mulheres em todo o mundo estão dedicando tempo e esforço

para ampliar os conhecimentos da ciência através da pesquisa. A investigação para o conhecimento das leis do universo, as quais sabemos que sempre existiram, tem alcançado novos horizontes, e a investigação prossegue nesta busca da verdade.

A ciência fornece inovações maravilhosas para dar-nos bem-estar e comodidade neste mundo moderno, e está criando o mais alto padrão de vida jamais conhecido. Devido ao fato de possuímos tudo o de que precisamos para suprir as necessidades e confortos da vida, podemos afastar-nos de Deus, dos ensinamentos da religião, do Evangelho de Jesus Cristo? Com o avanço da tecnologia, desenvolveu-se a confiança nos princípios científicos da evidência e, conseqüentemente, existem alguns indivíduos que não acreditam em Deus, porque o fato de ele existir não pode ser substanciado por esse tipo de evidência. Realmente, a pesquisa científica é um esforço para averiguar a verdade, e os mesmos princípios que são aplicados a essa busca são usados no esforço de se estabelecer também a verdade da religião.

Quando Jesus falou à multidão reunida na montanha, disse:

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á.

Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre.” (Mat. 7:7,8.)

Isto parece ser uma advertência para que procuremos com determinação e para que façamos uma pesquisa convicta da verdade. É aplicável à religião como o é à ciência — o processo é o mesmo, em ambos os casos. A busca pode levar uma vida toda para examinarmos os materiais necessários, para nos livrarmos daqueles que já se provaram falsos, e para que isolemos a verdade, quando a encontrarmos.

Não importa o quão importante possa ser a pesquisa científica, a maior de todas elas é a busca de Deus — determinar a realidade de sua existência, seus atributos pessoais, garantir o conhecimento do Evangelho de seu Filho Jesus Cristo. Não é fácil obter compreensão perfeita de Deus. A busca requer esforços constantes, e existem alguns que nunca se resolvem a adquirir esse conhecimento. Ao invés de lutar e esforçar-se em compreender, seguem o curso contrário, que não requer esforço algum, e, portanto, negam sua existência. Um escritor disse o seguinte, com respeito a isso:

“Existem músicos, mas a maioria deles não são músicos; alguns porque lhes falta talento, mas a maioria provavelmente porque não têm inclinação. Mas, aqueles que possuem talento musical, nunca chegam a ser grandes músicos sem anos de trabalho persistente e contínuo. Os grandes artistas continuam praticando durante várias horas por dia, mesmo que sua reputação seja internacional. . . Nenhum atleta se destaca, nenhum mecânico se torna es-

pecializado, nenhum facultativo se torna perito, nenhum orador se torna ilustre, nenhum advogado alcança renome, exceto pela prática persistente e por muitas, muitas horas de trabalho árduo. . . Como seria tolo se fechasse os olhos, tapasse os ouvidos e dissesse que não existem bons músicos, porque não tenho talento para tornar-me músico; que não existem Édisons, porque não posso ser inventor; que não existem artistas, porque não tenho talento e inclinação para tornar-me artista. A razão não diz que é igualmente tolo o homem que declara que não existe Deus, simplesmente porque não o descobriu? . . .

“Aquele que não envida esforço algum para conhecer a existência da Deidade, provavelmente não saberá, nesta vida, que existe uma. Mas a sua ignorância do fato não justifica que declare que não existe nenhum Deus.” (Joseph F. Merrill, **The Truth-Seeker and Mormonism**, Deseret Book Co., pp. 76-77.)

Quer esteja procurando conhecimento sobre as verdades científicas, ou para descobrir Deus, o indivíduo precisa ter fé, que é o ponto de partida. A fé tem sido definida de várias maneiras, mas a mais clássica definição foi feita pelo autor da carta aos Hebreus, com estas palavras significativas: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem.” (Heb. 11:1.) Em outras palavras, a fé nos torna confiantes das coisas nas quais temos esperança, e convencidos das coisas que não podemos ver. O cientista não vê as moléculas, átomos ou elétrons, mas sabe que existem. Ele não vê a eletricidade, a radiação ou o magnetismo, mas não ignora que são realidades impalpáveis. Da mesma forma, aqueles que procuram honestamente

a Deus não o vêem, mas sabem da realidade de sua existência pela fé. É mais do que esperança; a fé a transforma em convicção — uma evidência das coisas nunca vistas.

O autor da carta aos Hebreus continua: “Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.” (Heb. 11:3.) A fé é, pois, descrita como crença ou convicção de que o mundo foi criado pela palavra de Deus. Não se podem convocar testemunhas para comprovar este fato, mas a fé nos dá o conhecimento de que aquilo que observamos nas maravilhas da natureza e da terra, foi criado por Deus. É tão razoável acreditar num Deus que não se vê, na ressurreição completa, ou nos milagres das coisas pertencentes à esfera espiritual, quanto o é crer em algumas das descobertas no campo das ciências físicas. A fé é o principal instrumento no campo da religião, e também é o instrumento do cientista.

Cristo, durante seu ministério, explicou a maneira pela qual se poderia saber a verdade sobre Deus, quando disse: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo.” (João 7:17.) O Mestre também explicou a vontade do Pai e o grande mandamento, da seguinte maneira: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.” (Mat. 22:37.) Aqueles que se esforçam por cumprir a vontade de Deus e por guardar os mandamentos, receberão revelação pessoal quanto à divindade do trabalho do Senhor em prestar testemunho do Pai.

Aqueles que desejam entendimento, as palavras de Tiago explicam

como pode ser obtido: "E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe é dada." (Tiago 1:5) Não parece que Tiago se estivesse referindo ao conhecimento concreto, no sentido científico, mas a revelação que vem do alto, a qual responde às perguntas dos homens, como resultado de ter seguido o conselho de orar.

Ouçam com atenção as palavras do Senhor: "Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim.

"Grande será a sua recompensa e eterna a sua glória.

"E a eles revelarei todos os mistérios, sim, todos os mistérios ocultos do meu reino desde os dias antigos, e por muitos séculos torná-lhes-ei conhecida a boa vontade do meu desejo concernente a todas as coisas relativas ao meu reino.

"Sim, até as maravilhas da eternidade eles conhecerão, e ainda coisas por vir Eu lhes mostrarei, até mesmo as coisas de muitas gerações.

"E a sua sabedoria será grande, e o seu entendimento alcançará os céus; e diante deles a sabedoria dos sábios perecerá, e o entendimento do prudente se desfará.

"Pois, pelo meu Espírito os iluminarei, e pelo meu poder eu lhes farei conhecer os segredos da minha vontade — sim, mesmo as coisas que o olho não viu, nem ouvidos ouviram, nem ainda entraram no coração do homem." (D&C76:5-10.)

Temos, assim, a fórmula para procurar Deus, e os instrumentos para realizar a busca — fé, amor, oração. A ciência tem feito maravilhas para o homem, mas não pode conquistar as coisas que ele precisa alcançar por si mesmo, a maior das quais é descobrir a realidade de Deus. A tarefa não é fácil; o fardo não é le-

ve; mas como disse o Mestre: "Grande será a recompensa e eterna a glória." (D&C 76:6.)

Tenho convicção positiva da realidade de Deus — que ele vive. Ele é nosso Pai Celestial e somos seus filhos espirituais. Ele criou o céu e a terra e todas as coisas que existem sobre a terra, e é criador das leis eternas que governam o universo. Essas leis são descobertas pouco a pouco, à medida que o homem prossegue em sua busca, mas existiram sempre e permanecerão eternamente imutáveis. Presto este testemunho de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo, nosso Salvador e Redentor por meio do sacrifício expiatório, a fim de conceder vida eterna a toda a humanidade. Que o Senhor possa abençoar-nos com o elevado desejo de alcançar as coisas espirituais — conhecer Deus, encontrá-lo, e determinar-nos a servi-lo e cumprir seus mandamentos. Esta é minha humilde oração em nome de Jesus Cristo. Amém.



Porventura não é este o jejum que escolhi?
que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados, e despedaces todo o jugo?

Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?

Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, **e a glória do Senhor será a tua retaguarda.**

Isaías 58:6-8